

MARA AGRIPINA PEREIRA FERREIRA

**“THOLL, IMAGEM E SONHO”
E O DESPERTAR DE UMA PELOTAS ONÍRICA**

RIO GRANDE
UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
2009

MARA AGRIPINA PEREIRA FERREIRA

**“THOLL, IMAGEM E SONHO”
E O DESPETAR DE UMA PELOTAS ONÍRICA**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade de Rio Grande. Área de concentração: Educação Ambiental Não-Formal. Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues.

RIO GRANDE
UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
2009

MARA AGRIPINA PEREIRA FERREIRA

**“THOLL, IMAGEM E SONHO”
E O DESPETAR DE UMA PELOTAS ONÍRICA**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade de Rio Grande - FURG. Área de concentração: Educação Ambiental Não-Formal. Comissão de avaliação formada pelos professores:

Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues
(Orientador - PPGEA/FURG)

Prof. Dr. Alfredo Martim
(PPGEA/FURG)

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira
(ICH/UFPEL)

Dedico este trabalho primeiramente às mulheres que me fazem feliz, as quais amo desmedidamente: minha filha Alexia, minha mãe e minha irmã Alessandra. E aos homens da minha vida: a memória do meu amado pai e o meu irmão cantador.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao cosmos por permitir essa viagem onírica até minha alma. A minha família que luta ao meu lado, que sofre quando estou triste, que vibra com as minhas vitórias; a minha filha Alexia, a minha mãe Suzelita e a minha irmã-filha Alessandra, que me enchem de beijos e carinhos. A memória de meu pai, que infelizmente não está fisicamente ao meu lado, mas que mantém sua presença em mim. A minha família em São Paulo (Luciano, Valéria e Amanda) que sei, torcem por mim. Ao meu orientador espiritual e intelectual Prof. Dr. Victor Hugo G. Rodrigues. Aos meus amados amigos e amigas sempre dando amparo e força, para que eu conseguisse dar conta de fazer o trabalho, Luciana G. Loponte, Carmem Lascano Pinto, entre outras. Aos colegas e professores, companheiros de jornada, escutando eu dizer que “Acho que, não vou conseguir!” (às vezes, sou “Schopenhauer”), aos meus queridos alunos do Pelotense e do Areal, que por vezes, deixei-os, para fazer algo relacionado com o mestrado. A Carla Rosi e a Dona Vanilda, que me acolheram em suas casas para que eu pudesse ficar em Rio Grande e trabalhar na dissertação, ambas as companheiras do Johrei. A Elaine, nossa Mestra no Johrei. E a todas as pessoas que colocaram algum tipo de empecilho para realização do mesmo, porque de uma maneira ou de outra acabaram me fortalecendo e permitindo que eu tivesse mais criatividade, a fim de, vencer os obstáculos. E a essa energia cósmica que chamamos de Deus, que nos torna vivos e vibrantes, nesta incensar troca de energias.

SUMÁRIO

Resumo	07
Abstract	08
Considerações Iniciais	11
Capítulo I: A Montagem do Espetáculo: A Educação Estética como Educação Ambiental	17
Capítulo II: O Picadeiro do Circo na Cidade: A Magia do Tholl Transformando Satolep do Sabor em Saber	24
Capítulo III: A Lona do Circo: Colcha de Retalhos de Uma Educadora Ambiental Onírica na Corda Bamba	39
Capítulo IV: Respeitável Público!! A Apresentação dos Palhaços, Malabaristas e Equilibristas: Educadores Ambientais de Professores	70
Considerações Finais: Que Sejam Doces Nossos Caminhos Oníricos	94
Referências Bibliográficas	98
Anexos Nº 1: Entrevista	105
Anexos Nº 2: Entrevistas com Integrantes da Trupe	109
Anexos Nº 3: Entrevista com a platéia	113
Anexos Nº 4: Material do Tholl em jornais, revistas etc	124

RESUMO

“THOLL, IMAGEM E SONHO” E O DESPERTAR DE UMA PELOTAS ONÍRICA

O CIRCO NA CIDADE E OS PALHAÇOS: DESPERTANDO OLHARES CIRCENSES, ORGULHO E PERTENCIMENTO

O objetivo do trabalho foi analisar a Educação Ambiental Não-Formal e/ou Informal, contida na Educação Estética, que a Trupe Circense OPTC (Oficina Permanente de Técnicas Circenses) trouxe para seus integrantes e, conseqüentemente, para os pelotenses. Enfoca como esses passaram a perceber a cidade na medida, em que, relaciona o circo com a Educação Ambiental Não-formal e/ou Informal. Como a Trupe fez os habitantes locais resgatarem o sentimento, o amor e a esperança pela cidade. Utiliza a arte como parte do potencial criativo para a procura do bem viver. Observou-se, no resultado da pesquisa, que os integrantes e a população passaram a re-configurar seu olhar sobre a cidade e a ter mais orgulho dela. Na metodologia para análise, foram utilizadas: pesquisa qualitativa, com referenciais a pesquisa bibliográfica em jornais, revistas e sites; entrevistas com os membros da Trupe e o questionamento com a platéia após o espetáculo. Resgata os sonhos oníricos de seu passado e do presente pelotense. Projeta um futuro de potencialidades de criatividade, ludicidade e cultura. Em um mundo onde se faz cada vez mais necessário tornar feliz um maior número possível de pessoas, o Tholl nos dá a justa medida para começarmos a assumir nossa parcela de responsabilidade nesse processo de Educação Ambiental Não-formal, nesta doce cidade que é Pelotas.

PALAVRAS CHAVE: Educação Ambiental Não-formal e/ou Informal, Sonhos, Onírico, Cuidado, Doce.

ABSTRACT

“THOLL, IMAGE OF DREAM” TO AWAKE OF PELOTAS ONEIRIC

THE CIRCUS IN THE CITY AND THE CLOWNS: AWAKENING CIRCUSY LOOKS, PRIDE AND BELONGING

The objective of this study was to analyze the Non-Formal and/or Informal Environmental Education, contained in Aesthetic Education, that the circus troupe OPTC (Oficina Permanente de Técnicas Circenses) brought to its members and, hence for Pelotas' population. It focuses on how they came to see the city in the extent that relates the circus with the Non-formal and/or Informal Environmental Education. As the troupe made the locals rescue, feel, love and hope for the city. It uses art as part of the creative potential for the demand of the good life. On the research result it was observed that the members and the population started to reconfigure their look and have more pride of the city. In the methodology for analysis, were used: qualitative research, with references to literature in newspapers, magazines and websites; interviews with members of the troupe and questioning to the audience after the show. It rescues the oneiric dreams of its past and of the present Pelotas. It projects a future of potential for creativity, playfulness and culture. In a world where there is a growing need to make a greater number of people happy, the Tholl gives us the right point to begin to take our share of responsibility in the process of Non-formal Environmental Education in this sweet city that is Pelotas.

KEYWORDS: Non-formal and/or informal Environmental Education, Dreams, Oneiric, Care, Sweet.

“Sonhando sempre eu não tinha sonhado
Que n`esta vida sonha-se acordado,
Que n`este mundo a sonhar se vive!”¹

¹ Pessoa, Fernando, 1995, p.45.



O fantástico é tornar a vida leve, colorida, divertida. Um show!

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS:
OS BASTIDORES DE UM SHOW QUE RECOMEÇA**

O presente trabalho tem como objetivo analisar a Educação Ambiental Informal, contida na educação estética, que a Trupe Circense OPTC (Oficina Permanente de Técnicas Circenses) trouxe para seus integrantes e, conseqüentemente, para os pelotenses; enfoca como esses passaram a perceber a cidade; relaciona o circo com a Educação Ambiental Não-formal. Relação esta que se dá através da busca da arte de ser feliz, almejando o encantamento com os lugares, para assim, poder educar e aguçar a percepção, despertar o cuidado e zelo pela Satolep² dos nossos sonhos. Busca uma perspectiva de que a arte circense, agregada a ecologia onírica, aos sonhos, venha ser mais uma ferramenta para a Educação Ambiental.

Pelotas é uma cidade do Rio Grande do Sul que possui uma imensa riqueza cultural. Caminhar no centro de Pelotas é uma experiência onírica, pois é viajar por sua história, despertando a imaginação criadora através do passeio por sua bela arquitetura neoclássica... É a capital do doce. A Fenadoce (Feira Nacional do Doce) tem atraído milhares de pessoas, que buscam nas delícias dos doces pelotenses a delícia de voltar a ser criança, o doce nos devolve a alegria infantil. É o doce sonho que nos alimenta todos os dias, que nos torna adocicados na educação informal cotidiana, na docência escolar e na forma como saboreamos a vida.

É justamente nesse contexto que surge, cria raízes e se alimenta - da alma pelotense adocicada - a trupe do Tholl, nome que a OPTC aderiu depois do enorme sucesso do espetáculo "*Tholl, imagem e sonho*". Nessa mesma direção, faz os habitantes locais resgatarem, com semelhante sentimento, o amor e a esperança pela cidade. Utiliza a arte como parte do potencial criativo, para a procura do bem viver. O Tholl eleva a auto-estima dos pelotenses, que passa a ter mais orgulho da cidade, também expresso na propaganda da Universidade Católica de Pelotas: "Orgulho de Pelotas".

O que podemos observar como resultado dessa pesquisa, é que os integrantes e a população, passaram a re-configurar seu olhar sobre a cidade e dela ter mais orgulho. Como metodologia para analisar, foi utilizada pesquisa bibliográfica: jornais, revistas e sites; entrevistas com os membros da Trupe e questionamento com a platéia após o espetáculo. A arte da Trupe demonstra a força para vencer obstáculos, ir além de si, buscando o potencial humano, indo além dos limites do corpo e da cidade. A trupe tem

² Satolep é Pelotas ao contrário, literalmente.

levado o nome de Pelotas para todo o país e para mais além. Demonstra, dessa maneira, que a cultura da cidade exala em seus poros, em seu suor laboral e em suas criações surpreendentes. Resgata os sonhos oníricos de seu passado e do presente, projetando um futuro de potencialidades, de criatividade, ludicidade e cultura.

Em um mundo onde se faz cada vez mais necessário tornar feliz um maior número possível de pessoas, o Tholl nos dá a justa medida para começarmos a assumir nossa parcela de responsabilidade nesse processo de Educação Ambiental Não-formal.

O presente trabalho pretende demonstrar como os integrantes da Trupe percebiam o município, antes de entrarem para o Tholl e como a cidade passou a ser vista. Pretende analisar, ainda, qual o impacto mágico provocado nos expectadores, ou seja, de que forma estes passaram a olhar Pelotas.

A Geografia levou-me a perceber que está disciplina congrega, de uma maneira muito peculiar, as relações entre o homem, a natureza e o trabalho. A Geografia dessa forma não pode fugir da Educação Ambiental, temática esta, que venho trabalhando há vários anos e que, a cada dia que passa, faz mais sentido na minha vida. Segundo Carlos Walter Porto Gonçalves, geógrafo, estas relações entre o homem (sociedade) e a natureza não são termos que se excluem, mas sim, termos simbióticos.

“A relação da sociedade como seu - outro, a natureza, desenvolve-se através do agir comunicativo que estabelece os fins imaginários, sócio-historicamente instituídos, plano em que a razão técnico-científica não dispõe de plena autoridade para decidir, pois este é o campo da relação sujeito-sujeito e não da relação sujeito-objeto” (Gonçalves, 90. p. 141).

Gonçalves nos fala também sobre o imaginário criador, o imaginário que transforma lugares, que redesenha as casas, bairros, e que nos leva à busca de lugares alegres e felizes.

Para mim, Educação Ambiental é sinônima de, “cuidado”: cuidado consigo próprio, com o outro, com as coisas, com os animais, com a casa, a grande e a pequena, a interna e a externa. Chauí³ em seu livro “Convite à Filosofia” faz a relação entre cultura,

³ Chauí, Marilena. Convite a Filosofia. Ed. Ática, 13ª Ed. São Paulo, 2005.

natureza e Educação Ambiental, relacionando cuidado com cultura, assim sendo penso que a cultura possa suscitar o cuidado ambiental. Se o ser humano começar a cuidar de si mesmo, cuidar uns dos outros, cuidar dos lugares em que vive, nosso planeta seria um paraíso terrestre, por isso acredito no cuidado como sinônimo de Educação Ambiental. Não penso que a Educação Ambiental seja a tábua de salvação do mundo, mas vejo como um elemento fundamental de mudança de atitudes e de postura frente ao mundo. Penso que se conseguirmos realizar pequenas ações ao nosso redor, conseguiremos, de alguma maneira, criar uma grande onda de energia e de ações, quem sabe minimizar os danos e os desgastes causados a nossa grande casa: a Patchamama (Terra).

Este projeto de pesquisa agrega de uma maneira peculiar, todas as minhas ansiedades, sonhos e esperanças, para que os habitantes amem o lugar em que vivem, e passem a sonhar com dias melhores para si e para o lugar em que moram, busquem uma qualidade de vida melhor, com respeito, cidadania, harmonia e amor!

A idéia de fazer este projeto, olhar Pelotas através dos múltiplos e coloridos olhares do Tholl, veio de conversas com meu orientador. Acabei buscando em meus devaneios de infância a malabarista onírica que sou equilibrando-me na prancha do navio da vida.

Dessa maneira, saí de um território geograficamente conhecido, um ambiente até certo ponto confortável, para me aventurar em terras desconhecidas. Deixei o navio me levar ao balanço das ondas do mar e ao sabor do vento. Com um lindo e adocicado amanhecer a minha espera. O amanhecer de novas potencialidades, de um tempo novo.

Naveguei superficialmente nas profundezas da filosofia de Nietzsche, de Bachelard, na Ecologia Onírica de Victor Hugo. Ancorei no doce mundo mágico circense do Tholl e descobri uma educação para além do ambiental, uma educação para a alma.

No primeiro momento do trabalho, navego pela busca do entendimento da Educação Estética e a Educação Não-formal e/ou Informal, trago percepções sobre uma e outra, não concluo e nem conceituo, apenas coloco no picadeiro, para uma breve análise, uma apresentação rápida, como mágica para olhares atentos. Observo seus matizes e brilhos, seu colorido e suas sombras. Percorro o rio da arte como forma de Educação Estética, com suas águas profundas e belas. Questiono o educador, o professor e a escola, apresento minha idéia de uma educação potencialmente renovada, doce e sensível. Uso

como botes para não me afogar nas doces águas da Laguna da Educação, autores como Capra, Bachelard, Rubem Alves, Pablo René Estévez, entre outros. Coloco no foco do picadeiro a educação.

Na segunda parte, olho Pelotas com os olhos dos turistas que desembarcam nas doces águas do Canal São Gonçalo. Passeio em seu tabuleiro aguado e sinto o cheiro de seus prédios históricos e o doce encanto dos transeuntes. Tento usar o espelho para descobrir a Satolep culturalmente escondida, camuflada. Trago recordações e vivências de minha infância no adocicado município, cheiros e sabores que ainda busco na memória.

Na terceira parte, como educadora ambiental, defrontei-me com a magia contagiante dessa trupe, justifico o porquê de meu interesse e por que acredito que o tema seja relevante para se repensar o lugar que vivo. Localizo o estudo e faço uma rápida mostra do município e seus encantos. Faço uma descrição da paisagem na minha visão de professora de Geografia.

Traço, também, os caminhos e buscas dos referenciais teóricos, da construção metodológica, dentro do universo das metodologias variadas, que encontrei ao longo do curso de mestrado. Tento trabalhar partindo do seguinte princípio: o fim de um processo é sempre o começo de outro em que as coisas estão em metamorfose constante e, a todo o momento, se recriando, pois não existem isoladas, ao contrário estão interligadas em uma rede de interesses e conflitos. Noto que, muitas vezes, não consegui fugir de minhas raízes acadêmicas positivistas, porém luto incessantemente contra essa postura.

Faço um breve histórico da caminhada da trupe. Escrevo sobre o Tholl e a Educação Ambiental, analisando como uma trupe circense pode nos despertar na busca de uma cidade onírica dentro de cada pelotense sonhador, que tem privilégio de assistir a, pelo menos um de seus espetáculos. Particularmente, acredito que a arte, mais propriamente a arte circense, desperta o devaneio, o sonho e a utopia, de tal maneira que começamos a observar o cotidiano, com se turistas fôssemos. Sendo assim, a arte circense do Tholl resgata as potencialidades de uma cidade atualmente doce, mas que na era do charque, já foi salgada. Tal exercício perceptivo acaba criando imagens novas e potencializando formas renovadas de ver o que parecia velho.

Observo, também, minha felicidade em perceber que o olhar feliz de integrantes, da platéia do teatro e dos transeuntes desavisados, que re-configuram seus olhares após se perceberem dentro desta viagem onírica em direção ao imaginário circense.



A doçura da arte, como propulsora do cuidado ambiental⁴.

⁴ Imagem retirada do site da Fenadoce. www.fenadoce.com.br

CAPÍTULO I

A MONTAGEM DO ESPETÁCULO: A EDUCAÇÃO ESTÉTICA COMO EDUCAÇÃO AMBIENTAL

“A vida é o que fazemos dela. A viagem são os viajantes. E o que vemos não é o que vemos, senão o que somos” Fernando Pessoa⁵.

A Educação Ambiental é uma educação para a vida, para o sonho e para a esperança. Dessa forma, E.A. é uma educação para a ação, para formar multiplicadores ambientais, que passa necessariamente, pela formação do próprio pesquisador, como educador ambiental em processo. A Educação Ambiental dá-se através da educação estética, na medida em que vamos sendo educados a perceber, de novos modos, o que encontramos todos os dias. Inclusive a compreender que aquilo que percebemos é o que somos, sem que tenhamos a medida exata e consciente desse dado elementar de nossa experiência estética diária. Em outras palavras, é tornar extraordinário o ordinário.

Algumas pessoas me questionam porque E.A. Não-Formal, sendo eu educadora. Comecei também a questionar-me quanto a esse fato. Isso me fez voltar na memória às recordações dos tempos de estudante, até os dias de hoje, no meu papel atual de professora. Nessa trajetória no tempo, surgiram minhas dúvidas quanto à função, aos métodos, aos objetivos da vida na escola. Emergiram minhas crenças de uma educação diferenciada, mais lúdica, mais leve, mais alegre.

A Educação Ambiental se apresenta em duas versões: a Formal, a Não-Formal e/ou Informal. A Educação Ambiental Formal é a Educação das instituições escolares,

⁵ Fernando Pessoa, apud (Rodrigues, 1999. p.77).

que se faz presente através dos temas transversais, sendo uma de suas temáticas. A Educação Ambiental Não-Formal e/ou Informal é aquela praticada em ambientes não escolarizados, visando à formação de multiplicadores ambientais dentro de uma biodiversidade de ações educativas.

Para o PPGEA⁶ a Educação Ambiental Não-formal:

“estuda as questões sócio-ambientais nos campos não formais e informais de Educação Ambiental, enfatizando a dimensão ético-estética, o desenvolvimento humano e sistêmico e a compreensão da interligação dos espaços ambientais, da saúde coletiva e da qualidade de vida dos sujeitos e das instituições e organizações sociais. Visa à participação e ao comprometimento das comunidades nos processos decisórios no manejo de ecossistemas costeiros em busca da construção coletiva de sociedades sustentáveis. Arte, educação ambiental e movimentos sociais⁷”.

É cada vez mais significativa a repercussão social da pesquisa acadêmica em E.A.. Assim sendo, essas pesquisas representam importante avanço no cuidado com o ambiente, não só pela população riograndina, mas em todo país, pois o programa tem recebido alunos de várias cidades da Costa Doce⁸, bem como de diversas regiões do Brasil. A FURG⁹ possui o único mestrado em Educação Ambiental do país, sendo referência não só nacional, mas também internacional. E na Linha de Pesquisa de E.A. Não-Formal, a arte esta cada vez mais presente, despertando devaneios oníricos em seus alunos.

“Através da arte nos são dados o olho e a mão e, antes de mais nada, a boa consciência para poder criar, com nossos recursos, tal fenômeno”¹⁰

“A existência como projeto estético, para além de qualquer sentido, valoriza a dimensão artística da vida, onde o belo é um eterno vir a ser”¹¹.

⁶ PPGEA– Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande.

⁷Folder de divulgação do processo de seleção do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental/FURG – 2010.

⁸ Região turística localizada ao sul-sudeste do Brasil no estado do Rio Grande do Sul, maior complexo lagunar da América Latina, formado pela Laguna dos Patos, Lagoa Mangueira e Mirim. Pelotas faz parte desse complexo.

⁹FURG –Universidade de Rio Grande.

¹⁰ Forguieri, Marisa. Nietzsche arte e estética: uma interpretação do belo. Revista Filosofia ciência e vida. Editora Escala. ed. Nº 19. p.39.

¹¹Ibid., p.39.

Como fui criada numa cidade doceira, tenho a tendência de perceber o quanto minha educação estética leva-me a pensar que faltam, nas escolas e nas pessoas, o equilíbrio, o tempero e a doçura. Equilíbrio esse para balizar as ações da escola, entre o tempo para se estudar com responsabilidade e sabedoria, e o tempo de brincar, de rir, de troca de sentimentos e de emoções. Penso que a escola poderia e deveria ter esse meio termo como indicador de novos caminhos. A escola deveria ser o lugar de alegria, de busca do novo, de aprendizagem com gosto de guloseima. Concordo com Rubem Alves que fala da necessidade de termos mais educadores que professores e nos explica ele a diferença, entre os dois:

“Talvez que um professor seja um funcionário das instituições que gerenciam lagoas e charcos, especialistas em reprodução, peça num aparelho ideológico do Estado. Um educador, ao contrario, é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos”.¹²

A escola deveria ser também lugar do tempero, da temperança, não só no refeitório, ou na cantina, onde se derramam líquidos (ou energias) de um recipiente para outro, como na sala dos professores, nos corredores, na sala de aula com suas diferentes rotinas. Pois a temperança, o tempero da vida, simboliza, no tarô, a tentativa consciente de harmonização dos contrários e o tempero no ponto certo, que torna o alimento da vida irresistível e inesquecível.

O educador é o que busco, procuro dentro e fora de mim, também busco dentro e fora da escola, por acreditar que a escola formal está impregnada de professores, impregnada pela ideologia do Estado. Repleta de tecnicismos, decorebas, bolor, cheiro a mofo. Por esse motivo, busco um ar renovado, um ar potencialmente criativo, alegre, infantil. Procuro um ar de criança, que quer descobrir o novo, criar seus próprios conceitos, recriar conceitos estabelecidos.

¹² Rubem Alves p. 26.

Nessa direção, Bachelard nos fala de uma educação em que o sujeito está sempre se refazendo, se recriando. Acredito que isso deva acontecer e ser buscado.

“A educação é, assim, processo oscilatório de formação do sujeito e do objeto, um processo árduo e difícil que exige consciência e fundamentalmente trabalho, um trabalho penoso de negação do saber que acreditávamos sólidos e verdadeiros e a negação do próprio sujeito, das ilusões e crenças que tínhamos arraigadas no nosso eu mais profundo. Isso nos leva a concluir que a educação e a formação implicam primordialmente na desconstrução e reforma do sujeito que se refaz, refazendo suas próprias idéias, retificando conceitos aprendidos anteriormente, fazendo, assim, de seu dinamismo e de sua inconstância e requisito pedagógico mais importante e mais fundamental (Bachelard, p.57)”.

Persigo esse educador, sem saber bem onde o encontrar. Quanto mais busco, mais penso na idade dos “porquês”, das descobertas, das coisas que não estão ainda postas, das coisas a descobrir; descobrir através da desconstrução de um brinquedo para entendê-lo bem, para saber de que é feito e como é feito. A imagem do menino desmontando seu carrinho para saber como é feito, o que tem dentro, talvez aí, na infância, resida o potencial criador e renovador de ares.

Na Educação Ambiental Não-Formal me deparei com educadores-professores que buscam, como eu, ferramentas para implementar, divulgar e propagar uma educação ético-estética do cuidado. Cuidado que nos fala a Fábula de Higino (Boff, 1989), acordar os adormecidos, os aqueles que pouco pensam, nesse planeta. Despertar para um mundo onírico de possibilidades e potencialidades felizes.

Pude perceber uma educação de compromisso e cuidado com o outro, tanto que de meu orientador intelectual recebi orientação espiritual, algo inusitado e uma certeza de não estar só, nos momentos de falta de coragem e vontade, de abandono do mestrado. Uma força espiritual, uma força companheira, algo que jamais pensei encontrar na

Academia. A construção do paraíso terrestre, do Johrei¹³ teve eco no pensar uma Satolep paradisíaca, onde a doçura da arte dá mais sabor à vida.

As crises nas dissertações são sempre presentes. Encontro colegas em depressão, crises de escrita, desconforto com o tema, entre outros. Assim me deparei com uma gama de dificuldades. Trabalho, como professora municipal e estadual (só consegui redução da carga horária para estudar) tenho a família e uma dissertação para dar conta. Uma dissertação em que meu orientador pedia-me para colocar a minha alma (o que me deixava em pânico e desconfortável), pois temia retratar-me, ficar vulnerável, a mercê das críticas dos outros e da própria instituição.

Mas, como nos dizia Nietzsche:

“De tudo que está escrito, eu amo somente aquilo que o homem escreveu com o seu próprio sangue. Escreve com sangue e experimentarás que sangue é espírito (apud Rubem Alves, p.30)”.

Cada vez que me ponho a escrever, como agora, me questiono: como escrever com a alma? Despir-me por meio de palavras, tornarem visíveis minhas fragilidades, minhas dúvidas, medos, paixões, sonhos. Escrever com sangue, com meu espírito, diante do medo da rejeição, da cátedra, de me sentir menor, incapaz. Mas lá estava ele, Victor Hugo simplesmente me dizendo para escrever com minha frágil alma, me empurrando para essa ponte que somos com o imenso abismo que são nossos medos.

É fácil criticar a academia, por ser reacionária, pouco criativa, ainda estar voltada ao positivismo, mas quando nos vemos assim num vôo sem redes de segurança, a insegurança se faz presente. Até porque, a formação acadêmica que temos, é positivista, e romper com paradigmas não é tarefa das mais simples. Acredito que aí nesses momentos de solidão e medo, a orientação espiritual tornou-se uma companheira, é ela e as leituras nos fazem alçar vôos mais altos, desafiando penhascos e falésias.

¹³ Johrei – (淨靈 em [japonês](#)) é uma palavra japonesa, criada pelo Messias [Meishu Sama](#), composta de dois [ideogramas](#): "Joh" (purificar) e "Rei" (espírito). Em síntese, significa "Purificação do espírito" ou "Batismo pelo Fogo" que consiste, segundo os adeptos, no ato de purificar o espírito do homem pela energia do fogo, predominante na luz do "Supremo Deus". (pt.wikipedia.org/wiki/Johrei). Um dos pilares da Igreja Messiânica, que consiste em transmitir energia do cosmos através da palma da mão.

Trilhar caminhos oníricos, caminhos de territórios a desbravar na busca de doces caminhos. Caminhada para dentro de si, em busca dela, da alma. Ela que grita e nos chama a todo o momento, mas que, por vezes, deixamos calada em nome da razão; essa anã, que teima em guiar-nos a colocar limites em territórios, delimitando espaços. Enquanto a alma pede por liberdade e com aduanas livres, campos coloridos, florestas virgens e rios tranqüilos.

Penso que estamos conectados, que nada é por acaso (frase essa que parece senso comum demais), sempre busquei esse educador potencialmente criativo, sensível, responsável, intelectualmente inteligente e espiritualmente amável. Mistura de espírito, alma e razão.

Fomos educados e temos formação em caixinhas, todas separadas por currículos, disciplinas. Vendo o mundo por pequenas janelas, pequenas partes do todo. Tornamo-nos míopes, para conseguirmos enxergar o todo. Precisamos abrir as janelas da alma e dos olhos, ampliar horizontes. Necessitamos procurar lentes e olhares que nos permitam enxergar cada vez mais longe.

Capra comparando Freud e Jung nos trás a idéia da teia, que une e envolve ser e cosmos:

“Para ele, o inconsciente é um processo, que envolve “padrões dinâmicos coletivamente presentes”, a que chamou arquétipos. Esses padrões, formados pelas experiências remotas da humanidade, refletem-se em sonhos, assim como nos motivos universais encontrados em mitos e contos de fadas no mundo inteiro. Os arquétipos, segundo Jung, são “formas sem conteúdo, representando meramente a possibilidade de um certo tipo de percepção e ação”. Embora sejam relativamente distintas, essas formas universais estão inseridas numa teia de relações, na qual cada arquétipo, em última instância, envolve todos os outros (Capra, p. 353)”.

Essa idéia de teia de relações nos faz pensar nas interligações nossas uns com os outros e entre nós e o cosmos, ao lançarmos nosso olhar para diversas direções, para diversas potencialidades.

Compreender diferenças aceitá-las, buscar o novo, entender que somos unos e múltiplos, que o saber pode estar em qualquer lugar, parece esse ser o desafio de nos educadores formais ou não.

Assim, a arte é fundamental para a educação estética. O desenvolvimento pelo gosto artístico e o belo, possuem papel importante para conduzirem a uma consciência estética. pois despertam os sentimentos estéticos, a criatividade e a sensibilidade.

“La belleza de la rosa es imperecedera. Pero solamente ES revelada AL espíritu superior que aprende a cultivarla. Por lo tanto, he ahí una tarea fundamental de la escuela em los albores del Siglo XXI: enseñar a cultivar la flor para desarrollar, en cada individuo, las potencialidades estéticas y creativas del género humano (Pablo René Estévez. p.139)”¹⁴.

Educar esteticamente, educar para despertar o gosto pela beleza, pelo olhar doce dos nossos devaneios de criança. A educação estética se faz necessária num momento em que é preciso perceber a natureza, vê-la com um olhar de quem está apaixonado. Encantar-se com um pôr-do-sol, com uma flor, com a beleza do céu, com um girrasol.

“Se a própria vida é biologicamente estética e se o próprio cosmo é primeiramente um evento estético, então a beleza não é apenas um acessório cultural, uma categoria filosófica, um domínio das artes, ou mesmo uma prerrogativa do espírito humano. (E. Subirats)”¹⁵.

Na citação de Subirats, Pablo René Esteves demonstra seu imenso cuidado com a estética, através de um olhar diferenciado, poeticamente onírico. Um sonhar acordado, olhar além do que se vê. A beleza de perceber a natureza e tudo que a envolve.

14 Zanella, Andréa Vieira (Org.). Educação Estética e constituição do sujeito: reflexões em curso. Ed. NUP. Florianópolis/SC. 2007.

15 In. Esteves, Pablo Réne. A Alternativa Estética na Educação. Ed. FURG. p.59.Rio Grande/RS. 2009.



O olhar espelhado na fantasia, paz e amor é o que se quer!

CAPÍTULO II
O PICADEIRO DO CIRCO NA CIDADE: A MAGIA DO THOLL
TRANSFORMANDO A SATOLEP DO SABOR EM SABER

CIDADE ONÍRICA

A cidade dos meus sonhos
Que cidade sonho?
Que baús guarda
A cidade dos meus sonhos
Que imagem de cidade quero?
Que imagem de lugares?
A cidade dos meus sonhos
Que cheiros teria
Que sabores viriam
Que amores viveria
Na cidade dos meus sonhos
(Mara Agripina)

“Tholl imagem e sonho”¹⁶ e o despertar de uma Pelotas onírica, em ações de Educação Estética Não-formal e/ou Informal, com implicações na educação ambiental da cidade de Pelotas, busca despertar percepções adormecidas de uma população, em tempos de desencanto global. A trupe circense Oficina Permanente de Técnicas Circenses – OPTC acorda a população pelotense para a necessidade da arte de ser feliz, de se reencantar seus diversos lugares, de buscar as belezas de seus habitantes.

É uma cidade que foi gestada num ambiente de elevada cultura, de colonização portuguesa, mas de predominância cultural francesa, cultura essa que os pelotenses demonstram, no trato consigo mesmo e com os demais. Que segundo alguns autores deram a cidade à fama de uma cidade de um grande número de homens homossexuais. Ainda hoje, é objeto de admiração e motivo de risos, dentro do Rio Grande do Sul e pelo país a fora. Sendo assim, os pelotenses são conhecidos nacionalmente como homens afeminados. Este estigma tem origem na época das charqueadas, quando os filhos dos fazendeiros charqueadores iam estudar na Europa e voltavam contaminados pelos requintes europeus, em especial nos modos franceses de se vestir, falar e tratar os demais. Usavam diariamente vestes modernas, cheia de babados, para o período. Este modo de viver contrastava com os modos rudes e grosseiros dos charqueadores e demais

¹⁶ Nome do espetáculo da trupe OPTC (Oficina Permanente de Técnicas Circenses), que acabou aderindo o nome Tholl, devido ao enorme sucesso da trupe, na cidade de Pelotas e no Brasil.

habitantes do Rio Grande do Sul, onde era costume, na época, usar botas e bombachas na lida do gado, nas charqueadas e demais atividades diárias. Este modo de ser, refletido numa cultura em constante refinamento, até hoje é motivo de piadas em programas humorísticos que brincam com esse passado histórico da cidade. Por outro lado, é o lugar onde homens refinados ainda hoje procuram residir, porque encontram acolhimento e seus pares. É o ambiente onde pessoas de sensibilidade elevada, sem se preocupar com os estigmas referentes a gênero, conseguem criar um lugar de bem estar para viver em paz, com a felicidade que lhes é peculiar.

Cerqueira, em suas pesquisas arqueológicas nos conta de uma cidade de grande urbanização, o que pode de alguma maneira ter contribuído para que Pelotas fosse na época um local onde as pessoas sentiam-se mais livres, mais abertas às novidades, a cultura.

Contudo, uma fração significativa da história de Pelotas está vindo à tona, iluminando aspectos estudados ainda de maneira insuficiente pela historiografia baseada nos registros textuais: a higienização, hábitos de consumo e padrões econômicos, sistema urbano de tratamento de lixo, urbanização das áreas centrais e instalação de infra-estrutura, desenvolvimento de atividades econômicas específicas, como a indústria farmacêutica. Os dados arqueológicos têm fornecido novos referenciais para se pensar a cultura e sociedade pelotense do século XIX. “... a história desta cidade, onde uma historiografia tradicional há muito vem negligenciando elementos importantes de seu passado, reproduzindo apenas a idéia de uma cidade luxuosa e cosmopolita” (Peixoto, Luciana da Silva; Cerqueira, Fábio Vergara¹⁷).

De outra parte, é uma cidade berço de artistas, poetas, músicos, cantores, intelectuais, atores e escritores de expressão nacional, tais como Glória Menezes, Cleiton e Kledir, Vitor Ramil, João Bachilli, Lobo da Costa, entre tantos outros.

Tal fato reflete em que, mesmo em tempos de decadência cultural, mantém de pé dois teatros que são palco para artistas nacionais e internacionais. Quem não ouviu falar do Teatro Sete de Abril, ou do Teatro Guarani, onde ainda ecoa a música de Ney Matogrosso, Zeca Baleiro, Ana Carolina, Caetano Veloso, entre outros artistas de renome

¹⁷ Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB/Sul. De 20 a 23 de novembro de 2006, na cidade de Rio Grande, RS.

nacional nos últimos anos? Agregue-se a esse caldeirão cultural um grande passado de glórias e riquezas, mas também de escravidão e sangue, não somente das charqueadas, como também da Revolução Farroupilha.

Uma outra herança cultural escondida a sete chaves no baú dos espantos temporais, esta cidade mescla o requinte da burguesia com a riqueza cultural trazida pelos negros africanos em suas bagagens. Como é o caso do tradicional e inconfundível mocotó, entre tantos pratos apetitosos da culinária africana.

Os negros africanos também trouxeram e contaminaram os brancos com sua mitologia, presente em práticas cotidianas na invocação de seus orixás, exus, pretos-velhos e tantas outras entidades que fazem parte do imaginário sincrético, dentro da religiosidade pelotense. Ou seja, uma cidade oficialmente católica apostólica romana e extra oficialmente praticante dos diversos cultos, (kardecismo, Johrei, Evangélicos e rituais afro-brasileiros) que produzem um sincretismo amalgamado nos sonhos de prosperidade e paz os quais alimentam a esperança e o desejo de futuro dos corações que nesta cidade habitam. Nela os corpos se movimentam sob os acordes dos batusques dos tambores, nas danças de Daniel Amaro, do Grupo Odara e, na periferia, com as danças de rua - dos diversos grupos que fazem sucesso pelo Brasil a fora.

Pelotas faz parte da conhecida “Costa Doce”. É uma cidade localizada as margens da Laguna dos Patos, na porção sul-sudeste do Rio Grande do Sul, na região mais austral do sul do Brasil. Hoje é conhecida nacional e internacionalmente como a “Capital do Doce¹⁸”. Doce que adoça a boca de quem por aqui passa que deixa um sabor de quero mais. Quem prova os doces pelotenses sempre quer voltar, quer provar mais. Doces que alegram o corpo e a alma, que nos deixam felizes a cada mordida. Também já foi palco do sal, das grandes charqueadas, época em que tínhamos uma das maiores economias, não só do Rio Grande do Sul, como também do Brasil. Havia em Pelotas grandes frigoríficos, porém a cidade, como tantas outras, sofreu diversas crises em sua economia, transformações que deixaram marcas em uma população dividida em burgueses falidos e pobres desempregados. Entretanto, do salgado se fez o doce e este

¹⁸Os doces de Pelotas estão impregnados no imaginário riograndense e brasileiro e, nos últimos tempos, foi criada uma feira para divulgação e comercialização de doces, intitulada Fenadoce. Neste evento cada vez é maior a presença de expositores com uma diversidade significativa de sabores, teatro e cultura no geral. Além disso, nesta feira, o Tholl está sempre presente educando ambientalmente os sujeitos e despertando sonhos.

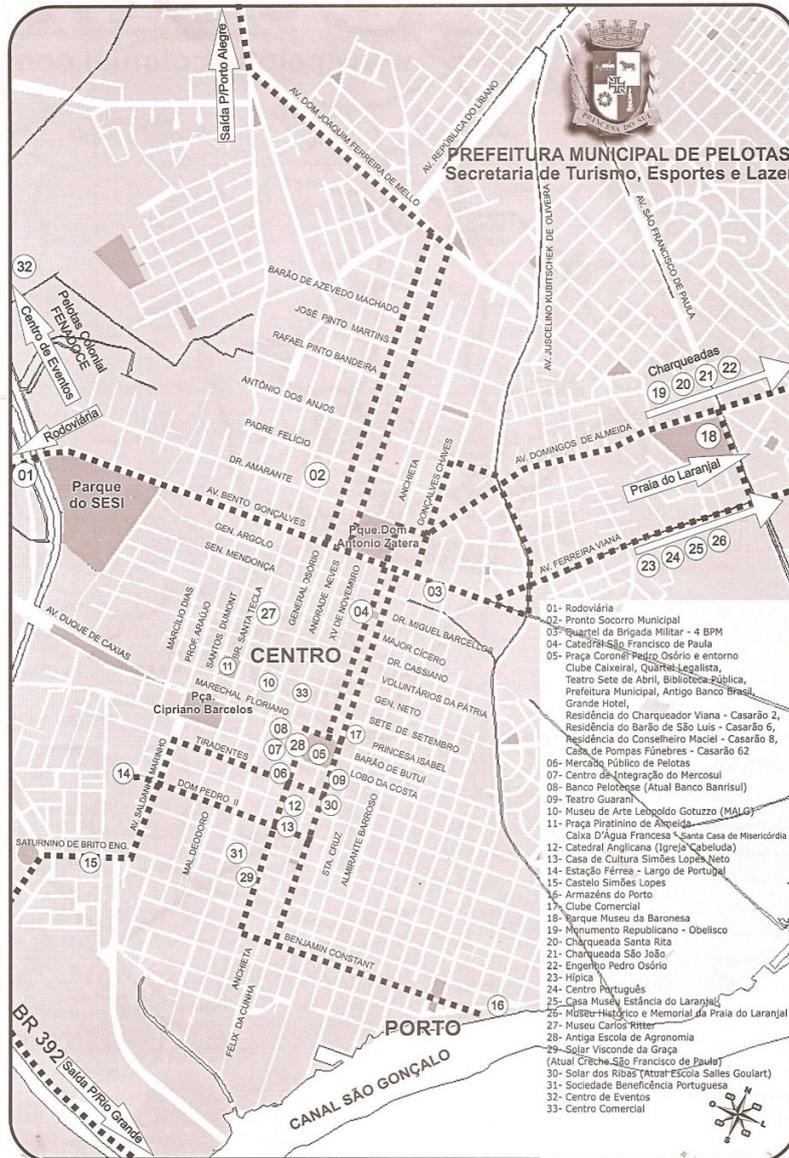
passou a ser o novo sabor da cidade, não diferenciando os ricos e pobres, as grandes fábricas de compotas de pêssego e as doceiras mágicas de fundo de quintal. Do sal para o doce e dessa mistura amalgamada de sabores é feita Pelotas, um lugar único onde a cultura é doce e sempre esteve presente nas escolas, nos teatros, nos cinemas, nas universidades. A cultura, presente na doce alma dessa cidade, por todos os lugares em que se passa pode ser percebida.

Um município de requinte e beleza, admirado na sua belíssima arquitetura com traços de barroco e neoclássico, onde se valoriza, não só a riqueza, mas também o conhecimento e o saber. Pelotas é visitada por diversos turistas, também sendo passagem para os países do Mercosul, que buscam, na cidade, seus saborosos doces e seus encantos arquitetônicos.

Nesse contexto, com muito orgulho de se dizerem pelotenses os integrantes da trupe Tholl não escondem suas raízes, bem pelo contrário. O Grupo Tholl vem mostrar à cidade de Pelotas o que ela tem de melhor e despertá-la para se perceber um lugar doce e feliz, uma cidade de sonhos, que se alimenta dos devaneios pelotenses. Nesse sentido, a trupe circense executa, com maestria, o seu papel educativo: usa a ginástica olímpica, os malabares, a pirofagia, o teatro, o clown - entre outras técnicas, para trazer a alegria e provocar o sentimento contínuo de auto-superação. O espetáculo da trupe circense tem despertado nos pelotenses, o resgate da auto-estima e a valorização que estes precisam para retomar seus projetos, reafirmar suas esperanças e recriar a identidade Satolep.

LOCALIZANDO O ESTUDO

DESCUBRA PELOTAS, UM DOCE DE CIDADE!



www.pelotas.com.br

Fone: (53) 3282 1001

SATOLEP PERCEBIDA E PERSEGUIDA

Qual é a Pelotas que percebo? É uma cidade criada para não ser e que é. Com um ecossistema peculiar, uma cidade banhado, uma cidade fluída. Pronta para mergulhos da alma, mergulhos da arte. Um “mesopólo” agropecuário, uma amalgama do urbano e rural, como um caleidoscópio colorido, multicolor, que mescla pequeninos pedaços de vidro revelando belas imagens. Talvez a Satolep dos ladrilhos hidráulicos, do Cubano, que nos fala Vitor Ramil.

“... ” Musaicus, de musa”...”Os mesmos cubos, nunca um igual ao outro. O que os diferencia minimamente entre si é o que os dignifica. Toda Satolep é digna das musas. A cidade e seus habitantes são como esses cubos que se engendram mutuamente. (Vitor Ramil p.29. 2008)”.

Pelotas ou Satolep? Satolep é a cidade ao contrário, às avessas, é a Pelotas da cultura dos alternativos. Daqueles que querem Pelotas para além de Pelotas. É curioso ver que essa nomenclatura da cidade ao contrário esta presente, até mesmo, na rede da Internet, no Orkut¹⁹, onde as pessoas inserem alguns dados como: nome, idade, cidade. No quesito cidade, muitos principalmente os “ditos alternativos” colocam “Satolep” no lugar de Pelotas. Satolep que para a população, no geral, nem é conhecida. Talvez Satolep seja outra cidade, dentro de Pelotas, uma cidade de outras tribos, de uma elite pensante. E o Tholl de qual cidade faz parte? Nunca escutei João Bachilli falar ao público em Satolep.

Satolep de João Simões Lopes, de Vitor Ramil; o primeiro foi escritor, o segundo é escritor, compositor e cantor. Satolep da Estética do Frio, da beleza das noites de cerração e nevoa, onde se respira água. A “Avalon²⁰” de Botelho. Talvez essa fluidez da água, flua também na mente de nossos artistas, transformando essa cidade em um lugar mágico da cultura. O frio, a água e o fogo como sugere Bachelard, nos levam a pensar em

¹⁹ Orkut - site de relacionamentos.

²⁰ Daniel Botelho. A Educação Ambiental como perspectiva para uma outra viagem turística: revisitando os passos do guia-educador com viajantes na Costa Doce/RS. FURG. 2007.

poesia. As lareiras das casas, onde o fogo sugere várias formas e vários delírios e devaneios, nos levam a pensar em poesia...

“... Que importa que seja pequeno ou grande, que se chame pântano ou céu?
Um pedaço de terra do tamanho da mão me basta, contanto que seja
verdadeiramente terra e solo (Nietzsche. p. 190 e 191. 2000)”.

Pelotas é uma das maiores economias do Rio Grande do Sul e teve seus áureos tempos com as charqueadas. Entre 1860 e 1890, Pelotas era considerada a capital econômica e cultural do Estado. Mais tarde a indústria do charque, entra em declínio, a cidade perde seus abatedouros e frigoríficos. Passa a ter um caráter de centro comercial, universitário e hospitalar.

A indústria doceira passa a ter maior vinculação com a criação da Fenadoce em 1986 que desde então, anualmente recebe, no município, um grande número de visitantes e turistas. A Fenadoce é conhecida em quase todo o país, mobiliza o comércio local e também dispõe de stands para expositores de outras cidades. Além disso, recebe, diariamente, um grande número de pessoas que se encantam e saboreiam os doces da cidade. A cultura doceira de Pelotas foi herdada de Portugal, através das riquezas trazidas junto com os imigrantes que vieram em meados do século XIX. Os imigrantes portugueses trouxeram em sua bagagem os maravilhosos: ninhos, fio-de-ovos, babas-de-moça, camafeus, papos-de-anjo, canudinhos recheados, os inconfundíveis pastéis de Santa Clara e outros mais. Além dos portugueses, os imigrantes alemães e italianos também trouxeram sua contribuição doceira, pois, naquela época, as festas eram regadas a doces e cada família tinha suas receitas as quais eram passadas de geração em geração. Atualmente, a confecção artesanal e a indústria doceira fazem da cidade uma referência nacional quando se fala de doces.

Hoje, o município luta para se manter entre as maiores economias do Estado, porém com um perfil totalmente diferente dos tempos de glória. Não podemos ser ingênuos e não percebermos que a economia é outra há, desemprego até mesmo nos países ricos, a crise é mundial e isso acaba refletindo em todos os setores da economia,

em todas as partes do mundo, em alguns lugares mais que outros. Como diriam os antigos: “os tempos são bicudos”²¹!

Porém, ainda podemos observar seu passado glorioso através da suntuosidade de seus prédios do centro histórico e espalhados na cidade. A cidade exala cultura, tem identidade, tem personalidade e, apesar disso é suja e descuidada, parece que alguns pelotenses não conseguem perceber suas belezas ou percebem e não sentem-se pertencer de fato a esse lugar encantador. O olhar estrangeiro parece ser mais perspicaz. Será que temos que buscar esse olhar peregrino? Re-configurar o olhar e as imagens?

Bachelard nos escreve sobre a novidade essencial da imagem poética. Essa imagem que os poetas nos dão, vista com um olhar diferenciado, com proximidade e pertencimento.

“Quando a imagem é nova, o mundo é novo (Bachelard, 1996. p. 63)”.

No capítulo I da *Poética do Espaço*, Bachelard nos escreve, em diversas paginas, a importância da casa e pensamos que essa idéia da casa se propaga para a cidade, a cidade é também a nossa casa, é nossa acolhida maior. Quando conseguimos ver a cidade com os olhos de criança ou de poeta, esta se torna mais encantadora, mágica!

Assim, uma imensa casa cósmica existe potencialmente em todo sonho de casa. De seu centro irradiam-se os ventos e as gaiotas saem pelas janelas. Uma casa tão dinâmica permite ao poeta habitar o universo. Ou, noutras palavras, o universo vem habitar sua casa (Bachelard. p. 67).

“Porque a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo é um verdadeiro cosmos (Bachelard, 1996. p. 25)”.

Nossa casa faz parte de um lugar, seja ele qual for, mas esse lugar é marcantes para nós, tem significado próprio. A semiótica dos lugares fica incorporada em nós de

²¹ Expressão que denota dificuldades, tempos difíceis.

alguma maneira. Pensamos, se a criança teve uma infância alegre em sua casa, em seu bairro com os amigos, como pode essa mesma criança depois de adulta, deixar de querer bem a esses lugares? Lugares esses que se deslocam no tempo através das lembranças, dos cheiros, dos sabores da infância, quando nos recordamos ou algo nos chama a recordar!

“As casas sucessivas em que habitamos mais tarde tornaram banais os nossos gestos. Mas ficamos surpreendidos quando voltamos à velha casa, depois de décadas de odisséia, com que os gestos mais hábeis, os gestos primeiros fiquem vivos, perfeitos para sempre. Em suma, a casa natal inscreveu em nos a hierarquia das diversas funções de habitar. Somos o diagrama das funções de habitar aquela casa e todas as outras não são mais que variações de um tema fundamental. A palavra hábito é uma palavra usada demais para explicar essa ligação apaixonada de nosso corpo que não esquece a casa inolvidável (Bachelard. 1978 p. 207)”.

Ele nos fala que os lugares amados nem sempre querem ficar fechados, eles se desdobram, vão além, para fora das paredes do nosso lar. Talvez devêssemos habitar nossas casas como poetas, tentando olhar pelas janelas dos nossos olhos, as belezas possíveis e as invisíveis, as que só o coração vê.

Para que, as pessoas possam sentir-se bem em seus lugares, olhá-los, percebê-los, para despertar o carinho, o cuidado!

“Só peço olhos que vejam o que vocês possuem (Thoureau em Bachelard, 1996. p. 76)”.

Olhamos e passamos por vários lugares todos os dias, mas devido à pressa do cotidiano, passam despercebidos, não olhamos os detalhes, nem mesmo os lugares que convivemos! Vivemos em busca do belo, mas nossos olhares estão demasiado cansados e poeirentos para conseguirmos enxergar a beleza ao nosso redor. Como disse antes, Pelotas possui um patrimônio arquitetônico invejável, porém pouco seus moradores vislumbram essa beleza. Essa frase acima de Thoureau traduz de uma maneira simples, o que penso. Que os moradores consigam olhar com olhar apaixonado a cidade que

possuem em que moram, para, assim, despertar um cuidado maior com esse lugar fascinante que é Pelotas.



Confiar, acreditar, poder voar...

DEVANEIOS VOLTADOS PARA UMA INFÂNCIA EM PELOTAS

Passava minhas férias de infância em Pelotas, lembro da casa de minha avó, com sua arquitetura peculiar, uma casa antiga da Avenida Brasil. Ela a casa era comprida, possuía um longo corredor unia as peças, a sala, o quarto dos meus avós e o de meu tio. Depois havia um pátio, mas a casa continuava, com a varanda, o banheiro e a cozinha. Havia portas ligando os quartos à sala, a casa toda se comunicava.

Brincávamos, eu e meu tio, de pegar dentro de casa. Era maravilhoso, pois a arquitetura propiciava corridas e voltas, um abrir e fechar de portas sem parar, o brinquedo era a casa. Minha avó ficava quase louca, pois meu avô não gostava, nem permitia brinquedos de pegar dentro de casa. Mas a rua e o pátio, não possuíam as portas e os entra e sai que a casa possuía.

Pelotas me traz essas lembranças, de lugares mágicos. Morei na cidade em 1972, época da grande riqueza pelotense, mas minhas lembranças são as de brincar de pegar dentro da Catedral. Como se pode perceber, essa era a minha brincadeira predileta. Estudava na Escola São Benedito, uma escola católica que possuía internato para meninas, ela agregava meninas de várias classes sociais, o que permitia a troca social sem preconceitos.

O pátio da escola era pequeno, mas a Catedral, ah, essa era grande, espaçosa, bela, cujas pinturas de Aldo Locatéli tornavam o lugar um verdadeiro paraíso, quase nunca nos pegavam correndo, sempre dávamos um jeito de não sermos pegas, eu e minhas amigas.

Minha casa também era aconchegante e ensolarada, na arquitetura dessa época sempre havia portas que ligavam um quarto a outro, compartilhavam-se os espaços que eram amplos, arejados e amalgamados. No pátio de minha casa, havia um galpãozinho, onde era o meu esconderijo predileto, Bachelard nos fala dos lugares e de sua poesia. Esse tinha muita. Passava horas naquele lugar prestidigitador. Brincava só, meu irmão era pequeno, criava amigas imaginárias, falava sozinha e adorava inventar histórias, aquele era um lugar ideal para essas viagens do imaginário.

Passeava pelo centro da cidade com minha mãe, que sempre possuiu um olhar de artista, sim, porque eles, os artistas, olham as coisas além delas mesmas, olham os detalhes, as cores, as sombras, olham e enxergam tudo. Esse olhar, minha mãe despertou em mim! Sempre ela chamava-me a atenção para as coisas belas que víamos no caminho, tornava meu olhar desperto, alerta e curioso.

As casas de Pelotas, as casas antigas, tinham um telhado alto, com portas e janelas altas e pouco largas, geralmente com duas persianas de madeira e as portas internas eram duplas. Não entendo de arquitetura, mas essas casas permitiam uma aventura à parte.

As famílias se visitavam e era muito bom brincar com primas e primos, criar brincadeiras, esperar o bolo das tias, bolinhos de chuva, que davam água na boca e que, acompanhados de um café preto, ficavam ainda melhores. Dias de chuva, brincadeiras de pega-pega, de esconde-esconde, em que até armário servia de esconderijo, embaixo das camas, atrás das portas. Qualquer coisa ou lugar servia de brinquedo.

As feiras com seus doces em compota, doce de coco, que meu avô sempre comprava e que dava vontade de comer o pote inteirinho, doce de batata-doce, de abóbora, a feira era uma verdadeira confeitaria, ainda havia as rapadurinhas de amendoim, de leite e os pés-de-moleque. Melhor que confeitaria...

Na maioria das casas, as reuniões de família são em torno da mesa, na cozinha e na casa da minha avó não era diferente. No quentinho da cozinha, ficava a família conversando e comendo os quitutes que ela preparava. Aos sábados, geralmente era um

carreteiro com couve, que até hoje não comi igual e depois, de sobremesa, o doce de coco comprado na feira.

Tudo em Pelotas era diferente, eu podia caminhar pela cidade, as distâncias dispensavam o ônibus, podia-se caminhar por suas ruas com seu traçado quadrangular, sem se perder e, ainda, poder ver ao longe o final da rua.

O centro da cidade com suas lojas chiques e elegantes, todo mundo bem vestido, mulheres e homens elegantes, com um ar de pujança. Também isso por volta dos anos 70, quando Pelotas foi considerada a Califórnia brasileira, isso nota de uma revista famosa da época, a *Manchete*²², que trás, em 1972, uma reportagem sobre Pelotas com uma versão em português e outra em inglês.

O Laranjal era outra paixão, da qual está presente até os dias de hoje. Brincar na areia, usar a câmara do pneu do carro como bóia, era muito bom. Rolar na areia, correr pela praia, brincar com e na Laguna. Fazíamos piquenique, isto é, uma seção farofa no Totô, parte do Balneário em que a cobertura vegetal permanece quase que inalterada com suas árvores e plantas nativas. Aqueles domingos são inesquecíveis, com meus tios pescando e a gurizada toda na volta querendo fazer o mesmo.

A cultura da cidade também pode ser percebida pela arquitetura, pelos teatros que sempre estavam com apresentações, pelos festivais de música, galerias de arte, Existe, ainda hoje, essa cultura no ar pelotense, em uma propaganda que fala do orgulho de Pelotas, Vitor Ramil, fala também dessa cultura que se respira na cidade.

Na rua onde morava não havia crianças da minha idade, não tinha com quem brincar, então brincava sozinha ou ia à vizinha da frente, amiga de minha mãe e que parecia casa de avó. Ela sempre fazia coisas gostosas para eu comer. Dois de seus filhos faziam flâmulas e adesivos para vender e eu adorava ver a mágica das tintas se misturando e virando uma imagem colorida, passava horas vendo e querendo aprender como se fazia. Nunca gostei muito de brinquedos de menina, casinha, boneca, brinquedos que pouco permitia a criação, era a remontagem da realidade feminina das donas de casa. Eu, particularmente, gostava de aventuras, de inventar brincadeiras, de correr riscos, de me aventurar. Pelotas me possibilitava brincar, criar, inventar.

²² Não consta essa revista na bibliografia, pois não consegui o exemplar, tive contato com a mesma em 2000 quando lecionava geografia como professora substituta no CAVG (Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça), por conta de uma aluna, levar a revista para sala de aula.

Aqui no Rio Grande do Sul, porção austral do Brasil toma-se chimarrão, uma erva-mate que é colocada em uma cuia e que é uma bebida quente. Porém a erva tem um gosto amargo e forte. Estava sempre na volta de minha avó pedindo para tomar mate, ela colocava açúcar e o sabor ficava maravilhoso. Aprendi a tomar chimarrão com minha avó. Hábito esse que é típico de nossa cidade vai passando de pai para filho. Nunca mais tomei mate-doce, sabor de infância que ficou guardado na lembrança. Mas esse doce sabor me foi desperto nesta doce cidade.

Lembro das idas ao circo, por vezes no Fragata (um dos maiores bairros da cidade), noutras na área central. O desejo de voar nas motos que giravam no globo da morte, nos números de trapézio que deixavam a platéia sem respirar. Na alegria dos palhaços com seus narizes vermelhos, os números de magia que deixavam os espectadores curiosos para descobrir o truque e as crianças crentes que a mágica era real. Atiradores de facas que chegavam a dar medo. Os elefantes que me levavam até a Índia, um mundo de magia e cores, de risos e suspiros, um mundo onírico e feliz. Circo, circunferência, redondo, voltas, imagens de um mundo único, intenso naquelas horas de espetáculo, momentos de infância, de alegria e gargalhadas que se eternizam na memória, aquele riso solto, sem contenção, sem medida, sem medo.

As vestes coloridas com brilhos que enchiam os olhos e a imaginação, dando ao corpo ora elasticidade, ora o conforto das calças largas do palhaço. Um show de resiliência²³.

²³ Resiliência é uma combinação de fatores que propiciam ao ser humano, condições para enfrentar e superar problemas e adversidades. Penso resiliência numa metáfora de nós, seres humanos, como bambus que envergam, mas não quebram. Na busca de potência interna de vencer as armadilhas da vida.



Uma cidade banhado, banhada na calda da alegria.

CAPÍTULO III
A LONA DO CIRCO: COLCHA DE RETALHOS DE UMA EDUCADORA
AMBIENTAL ONÍRICA NA CORDA BAMBA.

DOCE – DOCÊNCIA

Bem que a palavra docente
Tivesse alguma coisa a ver com Doce
Que fossem doces as palavras
Docente poderia ser traduzido
Por professor doce, e aqueles que não
gostam de doce, como ficariam?
Será que se sentiriam adocicados?
Eu, particularmente, gosto de doce
Que melhor fica acompanhado a seguir de
um salgado. E, aí o docente poderia ser
salcente ou agridocente
Sei lá qual o sabor. Mas tem que ter!
Se não fica, sei lá. Meio sem sal...
(Mara Agripina)

Quisera ter nascido doce, como a maioria dos pelotenses, para poder ver o mundo de forma adocicada, como um grande algodão doce azul. Aqueles em que tu metes a cara e ficas todo lambuzado e feliz, que nem a eterna criança que habita em nós. Como era uma legítima “mergulhona”, nascida em Santa Vitória do Palmar, o doce era o mergulho na Lagoa Mirim, porque o mergulhão é um pássaro que mergulha fundo para pegar o peixe. Dessa forma, cresci entre o salgado santavitoriense e o doce pelotense, tornando-me, muitas vezes, agridoce. Como educadora transformei-me em agridocente, temperando o alimento formador da educação, na temperança da estética onírica, no equilíbrio entre o ensinar o que se sabe e aprender o que não se sabe.

Até meados de 1970, aos cinco anos de idade, morava em Santa Vitória do Palmar, cidade em que nasci. Tínhamos hábitos rurais. Vivíamos rotinas que formavam nossas percepções do espaço urbano, a ponto de acharmos Pelotas uma cidade grande. Meu pai plantava arroz e minha mãe cuidava da casa e de mim. Morávamos na cidade. Nos fins de semana, íamos para a granja, local onde meu pai plantava arroz. Tive uma relação muito salutar com a natureza em minha infância, uma ligação muito forte com a terra. Gostava de correr atrás das galinhas, andar no meio das marachas²⁴ e brincar de dirigir o trator de meu pai. Era uma delícia correr campo a fora, sentir o cheiro do campo,

²⁴ Pequenos sulcos que serpenteiam as plantações de arroz.

da terra molhada. Achava maravilhosa a comida campeira, o típico arroz carreteiro e outras tantas comidas práticas, que faz quem vive para o trabalho no campo. Porém, para mim, até essa realidade não passava de uma grande diversão, que me levava a olhar o mundo rural de modo diverso, com seus sabores e temperos próprios.

Fui uma menina calma, meiga e muito madura para minha idade. Minha mãe conta que eu ficava no portão de minha casa, sentada, com o olhar no presente e o sentimento no futuro. Queria conhecer gente e mais gente, a ponto de estar sempre disposta a fugir de casa. Para executar tal propósito, pedia para ir à casa de quem passasse pela rua, exercitando ao máximo minha curiosidade infantil de conhecer novos lugares e gentes.

Acredito que desde criança já gostava de viajar. Sentia-me só, pois não tinha irmãos e vivia pedindo um para minha mãe. Quando este nasceu, fiquei muito feliz. Adorava cuidar dele e queria ser médica, para cuidar das pessoas. Meu pai sonhava em ter uma filha pianista. Minha mãe achava que eu seria dentista. Estes eram seus sonhos... Aos quais não correspondi. Porém, não deixei de pagar o preço correspondente a esta decepção. “Quem mandou ser professora?”, ainda escuto de minha mãe e, via de regra, de minha filha.

Em 1972, aos meus sete anos, fui morar na capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre e lá vivi durante oito anos. Meu pai trocou sua atividade de plantador de arroz e adquiriu uma farmácia. Diante dessa nova realidade, eu adorava brincar de trabalhar. Para a criança, qualquer coisa vira brincadeira. Gostava de misturar-me com as brincadeiras dos meninos, pois estas eram sempre mais emocionantes e criativas. De outra parte, não via graça em brincar sempre de bonecas.

Sonhava em ser bailarina ou artista de TV, na escola estava sempre envolvida em teatro, dança e atividades esportivas. Achava maravilhoso o mundo do espetáculo. Eu era uma criança em busca de um palco e de uma platéia.

Mas o destino, de certa forma, interrompeu meus planos imediatos. Nos meus dez anos de idade, no dia de natal de 1975, sofri um acidente automobilístico com minha família toda. Quebrei o osso fêmur, não poderia mais dançar. Naquela época me senti traída pelo destino. Olhava para mim sonhadora de um sonho inútil e irrealizável. Só me restava aceitar o fato de que este futuro não me pertencia mais.

Engano meu. Sem querer, querendo... ter o privilégio de observar todos os meus sentimentos brotarem em minha filha Alexia, desde quando nasceu até hoje, é maravilhoso. Acredito que esse meu gosto por esportes, dança, ginástica olímpica e do próprio circo foi passado para minha filha, como uma espécie de osmose onírica. Sei que nossas conversas contribuíram muito para isso. Sempre comentei com ela como eu era quando tinha sua idade, o que eu gostava de fazer e de brincar. Sinto grande alegria em saber que esses relatos contaminados de sonhos, de certa maneira, influenciaram minha filha em suas escolhas e sonhos.

Em Porto Alegre, morava na Avenida Assis Brasil. Em suas imediações havia um local onde vários circos se apresentavam. Ir ao circo era sempre um passeio em família, muito divertido. Este acontecimento infantil se construía dentro de mim mesmo antes de sair de casa. Já ficava imaginando a pipoca, a maçã do amor, o churrasquinho, o algodão doce e a fila. Sempre tinha uma longa e interminável fila na qual praticávamos nossa degustação infantil. Isto é, para ter paciência de encarar uma fila tinha de ter tempero, doçura e equilíbrio.

Durante o espetáculo circense, eu ficava fascinada em ver os números de trapézio, o globo da morte e os palhaços. Era sempre um acontecimento em nossa família. Eu era toda, olhos, ouvidos e coração palpitante. São imagens e sonhos que não me saem da memória. Uma curiosidade infantil de querer saber como os equilibristas, trapezistas, os homens do globo da morte e os palhaços superava as possibilidades do corpo e toda alegria que proporcionavam.

No início do ano de 1980, exatamente aos quinze anos, vim morar em Pelotas. Meus pais vieram primeiro. Meu pai veio trabalhar no “jogo do bicho”²⁵ e minha mãe veio junto, a tiracolo. Eu não queria vir com ele de jeito e maneira. Ainda mais que tinha um namorado em Porto Alegre, meu primeiro. E como diz o ditado, o primeiro namorado ninguém esquece, bati pé para ficar em Porto Alegre e fiquei mais uns quatro meses, concluindo meus estudos, na casa de uns tios extremamente rígidos e disciplinados.

Fui trazida para Pelotas a reboque. Minha mãe foi me buscar em Porto Alegre e passei a viagem chorando. Duzentos e cinquenta e seis quilômetros de choros, lágrimas e

²⁵ Jogo de azar, onde os animais recebem um número e os apostadores escolhem seus números segundo o bicho. Jogo ilegal e proibido, apesar de existir em vários locais com o conhecimento público, inclusive da polícia.

coração partido. Não queria morar em Pelotas de jeito algum. Achava a cidade interessante, mas só me interessava visitar minha avó. Eu não queria Pelotas nem Satolep para morar.

Não gostava do jeito burguês dos pelotenses. Logo de chegada perguntavam-me de que família eu provinha, se tinha sobrenome das famílias tradicionais pelotenses, vasculhavam a estirpe das pessoas, tirando de mim qualquer esperança de ter uma origem aristocrática, tão própria dos pelotenses. Estes comportamentos e práticas me predispunham a não ver beleza na cidade, não admirar seus encantos e saborear suas doçuras. Meus primeiros anos morando em Pelotas foram azedos e tristes. Eu cheguei e pouco tempo depois, minha avó veio a falecer.

Porém, quase sem perceber, a doçura dos alimentos e a convivência com parentes e colegas de escola foram mudando meus sentidos, meu paladar e minha percepção de Pelotas e dos pelotenses. Tomei consciência de que minha alma estava ficando adocicada, quando despertou em mim a Satolep dos meus sonhos.

No segundo semestre de 1985, ingressei na Universidade Federal de Pelotas, no curso de Estudos Sociais, mas queria fazer Medicina. Eu precisava trabalhar e estudar, o que era impossível cursando Medicina. Para minha surpresa, acabei gostando do curso. Meu envolvimento foi tanto, que fiz parte do Centro Acadêmico e comecei a viajar para vários lugares do Brasil, através da representação discente. Inevitavelmente, comparava a Satolep onírica em que eu morava, com os outros lugares que visitava. Essas viagens contribuíram para aprender a gostar cada vez mais de Pelotas. Cada vez que retornava, renascia em mim um sentido de pertencimento diante dela.

No primeiro semestre de 1987, mesmo sem estar formada na universidade, comecei a atividade docente, em uma escola localizada na zona rural. Após minha formatura em Estudos Sociais, ingressei no curso de História. Fiz um semestre e não gostei. Solicitei transferência de curso e, no semestre seguinte, estava no Curso de Geografia, da Universidade Federal do Pelotas.

Esse fato teve uma importância decisiva em minha educação estética. Como já expressei em outro momento, sempre gostei de viajar, conhecer culturas, lugares e o Curso de Geografia despertou ainda mais minha percepção dos lugares - os que eu estava isto é Satolep - e os lugares que havia conhecido. Este modo de perceber os lugares

comparando-os, inicialmente com Pelotas, operou uma espécie de “revolução copernicana” em minhas formas perceptivas. Isto é, quanto mais reconhecia beleza, encanto, doçura e temperança na Satolep dos meus sonhos, maior era a potencialização para perceber e descobrir suas belezas, detalhes e guloseimas. Meu olhar foi ficando cada vez mais aguçado. Olhava tudo, cada por menor, cada minúcia com crescente espanto e admiração. Comecei a me encantar por olhares diferenciados: o olhar de turista, o olhar contemplativo do belo, o olhar de quem está apaixonado, para o qual tudo fica mais bonito e colorido na medida em que o ciclo do tempo se fecha em torno de nós.

Comecei a ver uma Pelotas cheia de possibilidades, de culturas, de encantamentos. Passeava pelas ruas e ficava percebendo os prédios históricos, sua arquitetura e riqueza. Observava seus habitantes, seus modos de vestir e falar. Via suas esquinas, como a do Café Aquáriu, não mais como um lugar tipicamente masculino, que agora também é invadido pelas mulheres, mas um ambiente onde os pelotenses mantêm seus rituais centenários. Frequentava suas livrarias, cheias de pérolas literárias prontas para serem colhidas pelo leitor desejoso de uma saborosa sopa de letrinhas. Ia dar uma espiada na Biblioteca Pública, somente para sentir o clima literário reinante, onde, por acaso, poderia encontrar um amigo, colega, ou parente perdido entre milhares de livros. Porém, como ainda hoje, não deixava de dar passada numa confeitaria, simplesmente para sentir o cheiro de seus doces, bolos e trufas recheadas de licores. Ficava por lá até que a vontade de comer todos os doces se tornasse irresistível e escolhia um entre todos, para preencher minha tarde e recheiar meus sonhos de doçuras.

Eu ia e ainda vou à Praia do Laranjal e me maravilhava com a beleza natural dessa praia de água doce da Laguna²⁶ dos Patos e que possui três balneários: o Balneário dos Prazeres, o Balneário do Santo Antônio e o Balneário Valverde.

Fui, aos poucos, muitas vezes inconscientemente, conhecendo e passando a respeitar e considerar a cidade de Pelotas como um lugar diferenciado.

Ao longo desses anos, venho estudando e tentando aprender cada vez mais! Busco conhecimentos e saberes com gosto. Considero-me uma eterna estudante muito curiosa. Adoro descobrir, observar, ler. A Satolep dos meus sonhos provocou tanto desejo de

²⁶ Laguna por haver uma ligação através do Canal São Gonçalo que recebe as águas do Oceano Atlântico, o que por vezes torna a doce água da Laguna, salgada. Parece que os moradores da cidade vivem sempre entre o balanço desses sabores ora doce ora salgado, tornando o tempero desse lugar inconfundível.

conhecimento em mim, que me fez voltar a ser um mergulhão, a procura de peixes do conhecimento, a mergulhar na Lagoa Mirim dos saberes. Nessa medida, ao pesquisar sobre Pelotas me senti tão ignorante sobre tantas coisas. Principalmente quando comecei a investigar sobre o Tholl, que me fez perceber o quanto ainda me sinto aquela menina que queria ser malabarista, atleta, trapezista, bailarina.

Hoje sinto que preciso sempre aprender mais, principalmente buscar novos saberes para melhor fazer o que tanto gosto que é “educar”! “Dar aula” não é ensinar ninguém, ninguém educa ninguém. “Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém”.²⁷, é simplesmente trocar saberes, olhares... Educar é lidar com pessoas, com gente, que por mais que possamos pensar que não, buscam como eu, o saber com sabor. Buscam mais sabedoria e o tempero certo para enfrentar o dia-a-dia.

Muitas vezes parei para pensar em que momento a educação ambiental começou a fazer parte de minha vida. Percebo que minha mestra maior em E.A., é a minha própria mãe. Foi ela que primeiro ensinou-me a olhar o mundo de uma maneira muito peculiar, com olhar de sofista, olhar do artista que busca o melhor para ser retratado, mesmo sabendo que sua pintura não sairá como a original. Minha mãe me ensinou a economizar, a cuidar do ambiente, pois desde criança não me deixava colocar papel de bala no chão, não consumia de maneira exacerbada, lavava a louça com a torneira fechada. Tudo isso a Dona Suzy, na sua tarefa de mãe me ensinou. Eu dizia que ela era muquirana²⁸, ela economizava tudo. Que bobagem, pensava eu, nem era necessário. Naqueles tempos pensava-se que a natureza e seus elementos eram infinitos.

Esses ensinamentos de mãe são muito bons. Fico pensando se tenho conseguido de alguma forma passar isso para minha filha. Naquela época, minha mãe não trabalhava fora, isto é, na Farmácia, estávamos sempre juntas e havia mais tempo para nós. Coisa que hoje quase não se vê. Nós mulheres lutamos pela independência e acabamos com uma tripla jornada. O trabalho docente não me permite reservar muito tempo para repassar alguns ensinamentos para minha filha. Porém como docente, também percebo nos meus alunos a falta desses ensinamentos, de ter quem eduque em casa. Percebo o quanto, nós pais, acabamos por repassar algumas dessas responsabilidades às escolas.

²⁷ Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Ed. Paz e Terra. 37ª edição. São Paulo. 2008.

²⁸ Expressão está que denota mesquinhez e avareza.

Tento dar exemplos de cuidado com o ambiente. Acredito ser o exemplo uma boa forma de educar. O que se vê fica gravado com maior facilidade do que o que se ouve ou se lê. A imagem é muito forte, porque marca, registra em nosso cérebro os acontecimentos. As imagens arquetípicas, as imagens primordiais são as imagens que a alma reconhece e, quando se busca essa imagem arquetípica, as imagens de nossa infância primordial, percorrem o âmago de nossa alma e nos reconhecemos como “ser” humano.

Elisa Lucinda em um de seus poemas fala das muitas mulheres que fazem parte da sua personalidade, que vamos colando pedaços de nossas avós, mães, tias, amigas... Enfim, penso que fui me constituindo educadora ambiental colando um pouco de cada uma das pessoas que fui encontrando no caminho, formando minhas múltiplas identidades, mas que possuem um tronco comum, um ser humano que busca o sentido humano de ser, na luta com seu lado menos lapidado, menos gente, embrutecido pela própria socialização.

Sei o quanto é importante ser humana, ter sentimentos, não que pense que os outros seres não tenham, mas buscar dentro de mim o “humano”. Porém é bom saber que mudamos constantemente, que aprendemos, criamos, dialogamos e, assim, vamos nos constituir como “gente grande”, “grande-criança”, que se permite mudar, esquecer e brincar de viver.

A imagem de Nietzsche, quando nos escreve das transmutações, em que somos camelos e tememos a criança, desperta em meu ser a vontade de potência, a vontade de me transmutar e voltar a ser a menina aventureira e impetuosa. Imagem esta que me foi apresentada na disciplina de “Bachelard e Nietzsche” ministrada pelo meu orientador Professor Dr. Victor Hugo no PPGA, quando ainda não era aluna regular do mestrado e, sim, aluna especial. Essa imagem me fez pensar em que realmente devemos resgatar, salvar a criança dentro de nós, que a escola e a sociedade brutalmente nos fazem camuflarmos e deixá-las sucumbidas em um passado distante. Penso ser importante para a Educação Ambiental essa imagem, pois a criança ainda tem o poder de se encantar com os lugares, de brincar com a natureza sem pensá-la como um objeto de uso e de potencial econômico.

Essa imagem ajudou-me em minha constituição, como educadora ambiental, a buscar dentro de meu trabalho a potencialidade da criança, a buscar a infância que

sempre esteve presente dentro de mim. Ao longo dos anos, sempre ficava repreendendo a mim mesma pelas brincadeiras e risos, pois uma profissional que se preze deve ser mais rígida, menos brincalhona. Nós mulheres, na busca de espaço nos locais de trabalho, acabamos por deixar de lado certas peculiaridades femininas e infantis, almejando uma postura mais austera. Essa imagem de Nietzsche me fez perceber que as coisas não se excluem, simplesmente se completam. E que muito somos guiados pelos padrões incutidos pelas instituições sociais.



Felicidade magnética que não cabe dentro de um ser.

Três transmutações, vos cito do espírito: como o espírito se torna em camelo, e em leão o camelo, e em criança, por fim o leão". Muito de pesado há para o espírito, para o espírito forte, que suporta carga, em que reside o respeito: pelo pesado e pelo pesadíssimo reclama força. O que é pesado? Assim pergunta o espírito da carga, assim ele se ajoelha igual ao

camelo, e quer ser bem carregado. O que é pesadíssimo, ó heróis? Assim pergunta o espírito de carga, para que eu o tome sobre mim e me alegre de minha força... Todo esse pesadíssimo o espírito de carga toma sobre si; igual ao camelo, que carregado corre para o deserto, assim ele corre para seu deserto. Mas no mais solitário deserto ocorre a segunda transmutação: em leão se torna aqui o espírito, liberdade quer ele conquistar, e ser senhor de seu próprio deserto.

Seu último senhor ele procura aqui; quer tornar-se inimigo dele e de seu último deus, pela vitória quer lutar com o grande dragão. Qual é o grande dragão, a que o espírito não quer mais chamar de senhor e deus? “Tu - deves” se chama o grande dragão. Mas o espírito do leão diz “eu quero”. “Tu - deves” está em seu caminho, cintilante de ouro, um animal de escamas, e em cada escama resplandece em dourado: “Tu - deves!”. Valores milenares resplandecem nessas escamas, e assim fala o mais poderoso de todos os dragões: “todo valor das coisas – resplandece em mim”. “Todo valor já foi criado, e todo valor criado – sou eu. Em verdade, não deve mais haver nenhum ‘Eu - quero!’” Assim fala o dragão. Meus irmãos, para que é preciso o leão no espírito? Em que não basta o animal de carga, que renuncia e é respeitoso? Criar novos valores – disso nem mesmo o leão ainda é capaz: mas criar liberdade para a nova criação – disso é capaz a potência do leão. Criar liberdade e um sagrado dizer Não, mesmo diante do dever: para isso, meus irmãos, é preciso o leão. Tomar para si o direito a novos valores – eis o mais terrível tomar, para um espírito de carga e respeito. Em verdade, para ele é uma rapina, e coisa de animal de rapina. Como seu mais sagrado amava ele outrora o “Tu - deves”: agora tem de encontrar ilusão e arbítrio até mesmo no mais sagrado, para conquistar sua liberdade desse amor: é preciso o leão para essa rapina. Mas, digam, meus irmãos: de que ainda é capaz a criança, de que nem mesmo o leão foi capaz? Em que o leão rapinante tem ainda de se tornar em criança?

Inocência é a criança, e esquecimento, um começar-de-novo, um jogo uma roda rodando por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo do criar, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: sua vontade quer agora o espírito, seu mundo ganha para si o perdido no mundo. (Nietzsche - Assim falou Zaratustra. p.229, 230)”.

Assim, como camelos, vamos carregando de tudo: livros, pensamentos, pessoas, sentimentos, mágoas, alegrias, coisas mil. Criamos pouco e pouco nos lembramos da criança que fomos e que ainda existe em algum lugar dentro de nós. Mas, mesmo assim, crescemos, aprendemos, trocamos, e nos enquadrados no espaço, respeitando limites e fronteiras... Mais trocando coisas que olhares...

Vamos, constantemente transmutando-nos, ora leão, ora camelo e muito de vez em quando nos permitimos aflorar a criança dentro de nosso ser. O mundo em que vivemos é o mundo do “tu deves”. Nossa liberdade de criação é cerceada, ao mesmo tempo em que existe um “tu deves criar”. Como já disse antes, sou colcha de retalhos descosturada, necessitando reparos e novos remendos.

Lá vou eu, metamorfose ambulante como diria o velho e bom Raul Seixas²⁹. Metamorfose, transmutação, mudança constante, movimento, mas sem perder a essência de ser humano. A essência do cuidado da Fábula de Higinio (Leonardo Boff). Fábula essa pela qual tenho o maior carinho e é com esse carinho que me dou um “Sim” de colocá-la abaixo:

A FÁBULA-MITO DO CUIDADO ESSENCIAL OU A "FÁBULA DE HIGINIO" *·Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito apareceu Júpiter. ·Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. ·Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. ·Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu de repente a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. ·De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este então tomou a seguinte decisão que pareceu justa a todos: ·Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. ·Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. ·Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. É uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil.·Assim, cuidado é a verdadeira essência do ser humano. Não temos cuidado. Somos cuidado. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos. * escravo egípcio de César Augusto, autor da fábula-mito do Cuidado essencial ³⁰

Essa fábula, a meu ver, deve ser mote de todo educador ambiental, aliás, de todo educador, mediador, facilitador, dialetizador, ou seja, lá como devemos chamar quem realmente pensa na educação com o coração, com cidadania, com respeito pelo outro.

Sei que longas citações não são de bom tom, mas gosto tanto dessas passagens que pensei em levar aos que lêem meus escritos, um pouco desses autores, por pensar que podem levá-los a vãos mais elevados.

²⁹Raul Seixas, músico brasileiro irreverente. Na canção Metamorfose Ambulante.

³⁰Boff, Leonardo. 1999

Esses dois textos foram de extrema importância nos momentos de processar minha mutação e, como o eterno retorno, me fazem pensar e repensar em meus caminhos, em minhas escolhas. Trago para que possa desalojar a quem a lê, como a leitura desta me desalojou.

Os diálogos, as discussões em sala de aula, os encontros com colegas e professores, muito me ajudam a costurar essa colcha que me percebo, colocando novos pedaços, alguns coloridos outros nem tanto, cosendo fendas, remendando pedaços, por horas costurando, em outras bordando com fios dourados e coloridos (a vida sem cor e riso fica, muito, sem vida).

Desde os tempos da graduação, a pesquisa me aguça, acredito que o pesquisador é um ser abelhudo, alguém que quer explorar vasculhar, descobrir. Sempre fui muito curiosa e gosto de saber o porquê das coisas, minha fase de criança perfunta não passou.

A Especialização em Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, surgiu na minha vida como a possibilidade de continuar a estudar. Entrei para o curso e fiz parte do núcleo de Trabalho Docente. O objetivo da pesquisa era compreender como os professores da Universidade trabalhavam a pesquisa na graduação. Escolhemos como objeto de pesquisa o I Congresso de Iniciação Científica da UFPel³¹. Em 1992, o número de pesquisas na Universidade era muito reduzido e investigávamos como essas poucas pesquisas aconteciam. Havia o Projeto Rondon³², projeto esse que me instigava, queria muito participar, mas como trabalhava, essa atividade se tornara inviável. Percebemos que a pesquisa na graduação em alguns cursos, era quase inexistente.

Não havia cobrança do MEC³³ para que os professores incentivassem e se tornassem pesquisadores. Porém, sempre me incomodou a distância entre pesquisa e a própria Universidade e com a escola, a comunidade, a cidade. Poucos eram, naquela época, os projetos de extensão. A dicotomia entre a teoria e prática sempre fez brotar em

³¹UFPel – Universidade Federal de Pelotas.

³²Projeto Rondon é um projeto criado em 11 de julho de 1967, durante a ditadura militar, tinha como objetivo promover o contato de estudantes universitários voluntários com o interior do país, através da realização de atividades assistenciais em comunidades carentes e isoladas. Entre 1967 e 1984, quando foi extinto, o projeto envolveu mais de 350 mil estudantes de todas as regiões do país.

³³ MEC – Ministério da Educação e Cultura.

mim, certo desconforto, pois, acredito que as duas devam andar de mãos dadas, com respeito a suas particularidades e individualidades.

Assim, de lá pra cá, algumas coisas mudaram. Hoje há um número maior de projetos universitários que vão ao encontro das necessidades da população local e regional. A grosso modo pode dizer que, a Universidade hoje se encontra um pouco mais perto da comunidade, apesar de acreditar que há um longo caminho pela frente, até que um elo maior possa se efetivar.

Fiz minha especialização em partes. Em 1992 comecei. Em 1994, fiquei grávida. O meu trabalho era em grupo. Éramos cinco pessoas, cada um de uma área do saber: uma colega de português, um de educação física, outra de química, outro da arquitetura e eu, da geografia. Como alguns não eram da cidade não participaram mais do trabalho e acabaram desistindo. Somente eu e o colega da arquitetura, tentamos concluir o trabalho. Ele recebeu uma proposta de trabalho em outro estado. Acabei sozinha, com uma pesquisa enorme e uma grande quantidade de dados. Para completar, estava grávida. Eu era o próprio camelo carregado, com a corcova para baixo.

Voltei somente em 2001 para concluir o curso. Nesse período, mesmo afastada, nunca deixei de estudar e tentar me aprimorar. Trabalhei durante muito tempo como coordenadora pedagógica, o que me obrigava sempre a ler e conhecer um pouco sobre educação no geral. Trabalhei com a Prof. Dr. Vânia Chaigar, como coordenadora Geral da escola, que conduziu com maestria diversos trabalhos do grupo de coordenadores.

Sou uma apaixonada pelo trabalho docente, sempre procurei alternativas diferentes, para implementar meu trabalho. Em *Estórias para quem gosta de ensinar* de Rubem Alves, pude identificar-me com o pensamento do autor, citando Nietzsche, que nos mostra de uma maneira muito agradável e lúdica, os valores que deveriam realmente ter importância dentro das escolas; passo um trecho que me alegrou em ler.

“Que outra função o corpo poderia atribuir à inteligência, ferramenta e brinquedo, diferente de aumentar o prazer e diminuir a dor?”. ‘O corpo diz para o seu eu: “Sinta dor aqui!” Então o seu eu sofre e pensa em como parar de sofrer – e é isto que o faz pensar. O corpo diz para o seu eu: “Sinta prazer aqui!” Então o eu sente prazer e pensa no que fazer para ter de novo o prazer – e é isto que o faz pensar... (Nietzsche)’. Na verdade parece que o estômago começa a existir no momento que a azia aparece... Quando tudo vai bem não pensamos sobre as coisas; nós a usufruímos. Fernando Pessoa estava certo: “Pensar é estar doente dos olhos”. Eu acrescentaria: doente do

corpo inteiro. O deus da inteligência é o corpo. Sua única função é fazê-lo sobreviver, sobreviver com um sorriso... Assim, a inteligência e qualquer Ciência que ela venha a produzir, só podem ser avaliadas em função de sua relação com a vida... O “progresso da Ciência” avança sem parar, ao sabor de estímulos econômicos e militares. Mas não se pergunta se isso faz bem à vida. Via de regra a culpa é jogada sobre os políticos, que saem de tudo isto como os únicos vilões. A Ciência e a sua lógica continuam no pedestal... (“Rubem Alves, p. 21,22).”

O autor conta histórias ao longo de seu livro, que falam de uma outra educação, não a educação que ainda hoje é apresentada na maioria das escolas, mas uma educação com prazer, com o encantamento, com a eterna alegria de aprender, de ser aprendiz, de ser aluno da vida, de se encantar e brincar com as novas descobertas, de vibrar com as possibilidades de criar, com a potência de buscar novos saberes que tenham sabor...

Desde que comecei a lecionar sempre me preocupei em trabalhar com alegria dentro da sala de aula. Quis dar para aquele território um ar de lugar mágico onde tudo pode acontecer, pois aprender é algo gostoso. Procuo sempre olhar nos olhos de meus alunos. Pergunto como estão, principalmente quando estão tristes. Gosto de abraçá-los. Procuo demonstrar que estou realmente interessada no que eles têm a me dizer. Penso que minhas tentativas e buscas vão ao encontro do que o autor nos descreve.

Nesses 20 anos de sala de aula, acredito mais ter aprendido do que ensinado. Dia desses, numa das aulas de Metodologia e Pesquisa na Educação do curso de mestrado, fiquei me questionando quanto a minha identidade como professora, educadora, profissional em educação. Questionei-me quanto aos conceitos de cada uma dessas palavras acima e a relação com a dialética, que nos diz dessa troca constante.

Acredito que quem atua com a atividade docente deve chamar ou receber a nomenclatura de dialetizador ou dialetizadora. Essas designações seriam mais pertinentes, pois não professamos nada, não educamos ninguém. Estou ciente que por trás desses conceitos existe um embasamento teórico muito mais amplo.

Nessa minha caminhada, sinto-me uma abelha pesquisadora, pois vou tirando o néctar dos livros, dos mestres, dos alunos. Vou buscando de flor em flor o doce néctar do conhecimento os quais me faz crer que essa troca entre os seres é a própria atividade da construção do conhecimento.

Dizem que a vida é feita de encontros, alguns bons outros nem tanto... Esses encontros deixam marcas, significados, como diria Charles Chaplin “Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra! Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só, porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso”.³⁴.

Alguns encontros foram muito importantes na minha constituição de pesquisadora/professora de educação ambiental, uma delas além das pessoas de minha família, que me deram à base dos valores que acredito, foi o reencontro com a Prof^a. Dr^a. Vânia Chaigar, hoje professora da FURG. Fizemos a licenciatura em Geografia na mesma turma e mais tarde nos encontramos trabalhando na mesma escola, como professoras. Vânia foi coordenadora geral e eu coordenadora da área de Geografia, na época o grupo era formado por quatorze coordenadores; abrangendo treze áreas do saber: Ciências e Biologia, Química, Física, Geografia (da qual eu era a coordenadora), História, Português e Literatura, Educação Física, Artes, Currículo por Atividades e Magistério (duas coordenadoras de cada área) e a coordenação geral. Vânia já trabalhava com Educação Ambiental, e eu fui ficando cada vez mais envolvida com a temática.

O grupo de coordenadores do CMP³⁵ criou o Sábado Ambiental há dez anos. Um sábado em que a escola direciona todas as áreas do conhecimento para conhecer e aprofundar um pouco mais sobre o tema Educação Ambiental. Porém quem mais se envolveu com o trabalho fomos eu e Ângela Tavares, coordenadora de Física. O “Sábado Ambiental” está na décima edição (2009); ele é anual e é aberto à comunidade, com oficinas, palestras, mostra de trabalhos de professores e alunos, entre outros. Oficinas, tais como: sabonetes medicinais, Shiatsu, tarô, plantas medicinais, feira de trocas, brinquedos com materiais reciclados, instrumentos musicais também com materiais reciclados, Reiki, entre outros.

Ao longo dessa caminhada, a aproximação com a Educação Ambiental foi se tornando uma constante. Foram muitos os encontros e, cada vez mais, percebi que esse é o caminho que pretendo trilhar. Através dos estudos, participações em encontros sobre

³⁴ www.pensador.info/p/pessoas_passam_pela_nossa_vida

³⁵ CMP – Colégio Municipal Pelotense. O maior colégio municipal da América Latina, abrangendo da educação infantil ao ensino médio. Com aproximadamente 3800 alunos.

Educação Ambiental, essa temática foi criando um significado especial para mim. Particpei de um NEA (Núcleo de Educação Ambiental) da Agenda XXI de Pelotas. Organizo e coordeno um grupo de Educação Ambiental, o Ecogato³⁶, composto por alunos, professores e pessoas da comunidade Gato Pelado; isso me levou a buscar o mestrado em Educação Ambiental da FURG.

Outro encontro, peculiar, foi com uma grande amiga dos tempos da universidade, Prof^a. Dra. Luciana Gruppelli Loponte hoje professora da UFRGS³⁷. Nossa formatura foi à primeira formatura intercurso³⁸ da UFPel, ela formou-se em Licenciatura de Artes Visuais e eu, como já havia citado, em Geografia. Luciana Gruppelli Loponte fez-me compreender a universidade de uma maneira mais suave, acredito que sou muito cartesiana, por vezes rotulo as instituições e as pessoas (tento trabalhar isso o tempo todo, no sentido de não-ser).

O bom disso tudo, é que sinto uma eterna estudante primária dentro de meu ser, querendo sempre saber, apreender, descobrir, escrevendo e tentando buscar alternativas!

Nesses encontros e desencontros, um foi surpreendente. Particpei da disciplina de Ecologia Onírica com o Professor Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues com quem pude me identificar e ver que meus sonhos são possíveis. Pois nele percebi outra possibilidade acadêmica, um saber com sabor, sem sabor ou odor de mofo, mas com cheiro de novidade, de possibilidades, de um necessário “Sim”, esse sim de movimento de coisas novas com sabedorias antigas, com alegria de buscar saber, mas o saber com sabedoria,

³⁶Ecogato, pois na escola temos o Gato Pelado, apelido recebido quando a escola ainda chamava pelo nome de Gynasium Pelotense. Para tal foram usadas as iniciais, como a escola é da rede municipal, abrigava alunos mais humildes. Tudo na escola recebe o sufixo ou prefixo de Gato, então Ecogato, é o nome do grupo de E.A.

³⁷UFRGS Formatura intercurso

³⁸A I Formatura Intercursos da UFPel, foi a primeira formatura que envolveu diversos cursos da universidade. No lugar da toga e da pomposa cerimônia, tivemos uma peça teatral. Nessa peça retratamos sete personagens típicos da universidade daquela época, 1989, uma estudante militante, que cursava História da qual eu fazia o papel, um surfista de Big River (Rio Grande) que cursava Educação Física, uma senhora que fazia Pedagogia para subir de nível no Estado; uma jovem e bela estudante burguesa que pertencia ao curso de Belas Artes; um jovem colono pobre, que fazia o curso de Agronomia e morava na Casa dos Estudantes; um rico jovem que cursava Veterinária e um estudante CDF, que cursava Direito. A peça começa com os estudantes aguardando o resultado do vestibular, passa pelo ônibus em direção ao campus, mostra o cotidiano dos alunos no RU (Restaurante Universitário). Traça um paralelo entre o dia-a-dia do estudante de Agronomia da Casa dos Estudantes (em seu quarto pequeno e ainda dividido com mais três pessoas, lavando roupas, estudando...) e o dia-a-dia do estudante burguês da Veterinária, com festas e uma vida um pouco mais folgada.

não o saber de cumprir com requisitos, normas e preenchimento de formulários burocráticos.

Outro momento marcante foi a Oficina de Criação de Sonhadores, realizado por meu orientador, dentro da disciplina de Ecologia Onírica e que despertou sonhos adormecidos, e também a vontade de sonhar acordada, de me permitir devanear. Nessa oficina cada um do grupo trazia um alimento que gostasse e contava ao grupo o porquê desse gosto e compartilhavam-se os sabores e memórias dos colegas, aprendi a comer carambola com a Luiza, a comer a polenta da avó do André, a buscar meus sabores de infância.

Ecologia Onírica, como a própria palavra diz, é o estudo da casa dos sonhos, casa esta que, para nós, representa, em primeiro lugar, nosso corpo. Apesar de não termos casco como as tartarugas, nosso corpo também nos protege e nos abriga. Habitamos tantas casas, tantos lugares... Mas o nosso corpo é nosso templo sagrado e precisamos cuidar desse templo para que possamos nos re-encantar com a vida, re-encantar com os lugares, re-encantar com as pessoas.

Diz Rubem Alves, “... *Conhecimento é coisa erótica que engravida. Mas é preciso que o desejo faça o corpo se mover para o amor. Caso contrário permanece os olhos impotentes e inúteis... Para conhecer é preciso primeiro amar*” (Rubem Azevedo Alves, *Estórias para quem gosta de ensinar*. p.12). Só cuidamos o que amamos! Necessitamos, urgentemente, resgatar o ser humano dentro de nós mesmos. Resgatar o cuidado consigo mesmo, para assim poder cuidar do planeta e dos outros seres deste planeta...

Ainda nos diz Rubem Alves no mesmo livro:

“Ciência e cientistas já não sabem mais falar sobre esperanças. Só lhes resta mergulhar nos detalhes do projeto de pesquisa, financiamentos, organização – porque as visões que despertam o amor e os símbolos que fazem sonhar desapareceram no ar, como bolhas de sabão. Especialistas que conhecem cada vez mais, de cada vez menos têm medo de falar sobre mundos que só existem no desejo (Rubem Azevedo Alves, *Estórias para quem gosta de ensinar*. p.24 e 25)”.

Esse resgate que escrevo (o resgate do próprio ser) hoje já não é simples utopia ou devaneio, cientistas do mundo inteiro escrevem sobre essa temática, que instigam a todos pela necessidade de buscarmos a felicidade, os desejos, os sonhos e buscarmos o melhor dentro de nós mesmos.

Precisamos buscar nossos sonhos de infância, buscar nossa potencialidade criativa! E é na criança que vamos achar as respostas e os caminhos, é através dessa criança adormecida, dentro de nós, que vamos buscar a potência de vida, a potencialidade criativa, a maneira de buscar soluções criativas, nossas, com novas maneiras de ver a vida, com encantamento, com um ir atrás de nossos sonhos sem medo.

“... inocência é a criança, e esquecimento, um começar-de-novo, um jogo, uma roda rodando por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer sim. Sim, para o jogo do criar... seu mundo ganha para si o perdido do mundo (Nietzsche, Assim Falou Zaratustra. p.230).”

Bachelard nos diz que podemos deslocar o tempo, re-configurar nossa infância, buscar e resgatar a criança dentro de nós através do devaneio, que é o sonho acordado, para assim recuperarmos nossa criatividade, nossa alegria de estarmos vivos, de retomarmos o sentido e os valores de vida. Buscar essa criança adormecida significa retomar territórios já esquecidos, sonhos deixados para trás, alegria com coisas simples, despertar o olhar de curiosidade e da visão primeira, para assim reinventarmos o mundo, o nosso e o ao nosso redor.

“É no plano do devaneio, e não no plano dos fatos, que na infância permanece em nós, viva e poeticamente útil. Por essa infância permanente, preservamos a poesia do passado. Habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança; é viver na casa desaparecida tal como ali a sonhamos um dia (Gaston Bachelard, A Poética do Espaço. p. 35)”.

A Ecologia Onírica vem com a idéia de buscar a potencialidade criativa, resgatar o encantamento com a vida e nossas moradas. Buscando a auto-estima, a cidadania, o pertencimento para que, assim sendo, possamos repensar os lugares em que vivemos e olhá-los com um olhar apaixonado, porém, não aquele olhar que embriaga; aquele olhar que mostra o melhor, que vê os defeitos, mas o que busca a melhor maneira de lidar com

eles. Proteger a si, as comunidades em nosso entorno, proteger o planeta de nós mesmos. Proteger agora e projetar um futuro melhor.

“... o município é onde nós moramos e vivemos... Somos nós. Antes de ser composto por lugares e coisas, ele é criado, vivido e pensado por nós (Carlos Rodrigues Brandão. Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos, p. 58)”.



E você, está pronto para ser feliz?

Com criatividade e garra podemos ir além. Além das próprias fronteiras, as que são mais intransponíveis, as nossas próprias! Que possamos ter orgulho dos lugares, dos nossos lugares, de todas as casas que habitamos e que possamos, através da potência criativa, buscar novas formas e maneiras de reinventarmos nossos mundos.

O mestrado da FURG no Programa de Pós-Graduação em E.A. proporcionou-me vários encontros marcantes: com Professor Msc. Jacques Gauthier, que juntamente com o Professor Dr. Alfredo Martim, ministraram o “Seminário Ecologia do Cuidar”, com a Profª. Drª. Suzana Molon na disciplina de “Abordagem Sócio-histórica em Educação Ambiental”, com a Profª. Drª. Elisabeth Brandão Schmidt e Maria do Carmo Galiuzzi na disciplina de “Metodologia de Pesquisa em Educação Ambiental”.

As leituras de Platão, Nietzsche, Bachelard, Leonardo Boff, poetas, professores, colegas do mestrado enfim muitos foram os encontros e cada um único.

O seminário “Ecologia do Cuidar”, realizado no primeiro semestre de 2007, na Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), foi maravilhoso. O grupo pesquisador e pesquisado era constituído por 24 pessoas envolvidas com diferentes áreas de conhecimento, a saber: Artes, Geografia, Oceanologia, Zootecnia, Arquitetura, Pedagogia, Enfermagem, Educação Física, entre outras áreas.

Para cada participante foi distribuído um caderno para escrita de um diário individual, denominado diário itinerante. Para o grupo ficava à disposição uma pasta, com folhas em branco, para qualquer forma de expressão que pudesse surgir durante o seminário. Os facilitadores do seminário foram os professores: Dr. Alfredo Martin da FURG e o professor Msc. Jacques Gauthier.

A primeira etapa consistiu de uma rápida explanação dos Princípios da Sócio-Poética o que me pareceu bem interessante por ser inovador e trazer a sensibilidade para dentro da academia, pois era constituída da seguinte maneira:

a - (Primeiro princípio): Pesquisar “com” o outro. Formou-se um grupo pesquisador, em que o pensamento do grupo deveria estar presente, o facilitador (professor) deveria ter a mínima participação possível, o grupo deveria achar uma temática que agregasse os conceitos múltiplos de maneira complexa, antagônica, complementar, utilizando várias abordagens. O papel do facilitador - esse não participa da formulação dos dados, pois conhece os dispositivos de pesquisa, (consenso é enganar o consciente), desestabilizam-se os dados, utilizando-se de outras abordagens.

b – (Segundo Princípio): Valorização da cultura popular na leitura dos dados, cruzamento de dados;

c – (Terceiro Princípio): O corpo inteiro conhece, nosso corpo possui uma linguagem própria. Exemplo: os entrevistados dizem o que o pesquisador quer ouvir. Sugere uma técnica artística e uma técnica mais racional, dependendo da técnica, os dados são completamente diferentes, nas entrevistas não se mexe só com a mente, mas também com a emoção, pela intuição, desenvolver a intuição do pesquisador. Exemplo: uma enfermeira que através do olfato percebe o tipo de doença do paciente;

d – (Quarto Princípio): A arte como técnica de aperfeiçoamento artístico, sensações, imaginação, emoção. Exemplo: artesanato, o artesão pensa de forma diferente, a razão que está na superfície da vida;

e – (Quinto Princípio): O grupo pesquisador é responsável pela pesquisa, o público pesquisado deve ter o resultado ao alcance de todos.

Esse seminário me fez rever alguns conceitos de ciência e despertou-me curiosidade sobre a temática, percebo que, de alguma maneira influenciou meu direcionamento para esse trabalho. Fez lembrar de, Feyerabend, que a ciência é algo que regras e teorias capturam apenas parte do todo.

O mundo, inclusive o mundo da ciência, é uma entidade complexa e dispersa, que não pode ser capturada por teorias e regras simples”. “A própria ciência tem partes conflitantes com diferentes estratégias, resultados, ornamentos metafísicos. Ela é uma colagem e não um sistema (Feyerabend p.150 e 151)³⁹.

Dia após dia me constituo e me desconstruo. Minha caixa de Pandora está toda bagunçada. Carrego-a como camelo que ainda sou, ora guardando coisas, ora jogando outras fora, tentando organizar meu caos...

Porém é muito bom quando encontramos alguém que nos dá flores e torna nossa estrada mais colorida e perfumada!

Fico me questionando, o que realmente mudou em mim? Como percebo o mundo? Como estou me constituindo pesquisadora? Nesse tempo de mestrado e foram apenas quatro semestres, qual metodologia devo usar? Que conceitos? Que caminhos devo tomar? Quais escolhas fazer, que livros ler? Minha cabeça, meu corpo, tudo em

³⁹ Feyerabend, Paul K. Matando o Tempo: uma autobiografia. Ed. UNESP. São Paulo. 1994.

mim respira mestrado, passo os dias pensando... E em todos os momentos, a construção da pesquisa se mostra um quebra-cabeça que parece aos poucos ir se compondo.

Para Izabel Cristina Carvalho (2004), a consciência ecológica passa pela Educação Ambiental e pela própria história do movimento ecológico, assim sendo, o sujeito ecológico vai sendo construído passo a passo.

Mas, afinal, quem é esse sujeito ecológico enquanto identidade ideal? Quais são os efeitos que uma identidade ecológica produz na vida cotidiana dos que se identificam com esse universo de valores? Como essas práticas ecológicas são subjetivadas em experiências concretas de vida. (Carvalho. 2004).

Não acredito em uma identidade única, ideal, mas sim, em múltiplas identidades, e o sujeito ecológico não é diferente. Penso que a identidade ecológica é cercada de valores de vida, de valores onde o econômico não está em primeiro lugar. E as práticas, ou ações ecológicas são ou deveria ser diária uma busca constante de respeito aos cinco R's da Educação Ambiental: recusar, refletir, reciclar, reaproveitar e reduzir. Creio que essas palavras, além de outras tantas, devem estar sempre em nossas mentes ecológicas. Lendo Carlos Loureiro (2003), fiquei questionando-me, quanto a minha identidade ambientalista. Ele mostra-nos uma classificação feita por Viola e Leis, assim sendo:

Ambientalismo stricto sensu – organizações sociais e grupos comunitários ambientalistas de três tipos (profissionais, semiprofissionais e amadores). Ambientalismo governamental – agências estatais de meio ambiente, nos níveis federal, estadual ou municipal. Socioambientalismo – organizações não-governamentais, sindicatos e movimentos sociais que têm objetivos sociais precípuos, mas incorporam a dimensão ambiental em sua atuação e discurso. Ambientalismo científico-pessoas, grupos e instituições, que desenvolvem pesquisas científicas sobre a questão ambiental. Ambientalismo empresarial - empresários que vinculam sua produção a certos critérios de sustentabilidade ambiental, destacadamente ao conceito de Qualidade Total e às normas ISO. Ambientalismo político-profissional – quadros partidários, que procuram estabelecer políticas específicas que vinculem a dimensão ambiental às políticas públicas. Ambientalismo religioso – representantes de religiões e tradições espirituais, que relacionam a dimensão ambiental à consciência do divino e do sagrado. Ambientalismo de educadores, profissionais de comunicação e arte – indivíduos, organizados coletivamente ou não, preocupados com o ambiente, que possuem grande capacidade de influir na consciência das massas (Loureiro. p. 18 e 19.)”.

Loureiro nos escreve que essa divisão em tipos impede o movimento. Quando li essas páginas lembrei-me de um texto de Stuart Hall no qual ele escreve sobre identidades múltiplas. Acredito que temos várias identidades e que, dependendo do local, dos grupos os quais fazemos parte, movimentamo-nos para várias direções e esse movimento nos proporciona ou, pelo menos deveria propiciar uma leitura mais ampla da realidade e das dificuldades de ser ambientalista.

“..., nós continuamos buscando a identidade” “... e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude (Stuart Hall, p 39.)”.

Diz-nos ainda que nossas identidades desalojam-se, buscam outros “caminhos”:

Quanto mais à vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos que parecem” flutuar livremente “. Somos confrontados com uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós),... (Stuart Hall, p. 75).

Como educadora, estudante, mãe, filha, amiga, tento mesclar os valores nos quais acredito com as teorias adquiridas através das leituras, aulas e conversas com colegas!
Indagações de uma mente em metamorfose...

Pensei como seria a receita, sempre estamos atrás de uma, para resolver nossos anseios:

Receita para uma educadora ou um educador ambiental (pesquisador/a ou não). Uma grande porção de saber, uma pitada de perspicácia, um saco

grande de vontade, muita sensibilidade, uma porção substancial de honestidade, um olhar diferenciado, percepção, amor e cuidado à vontade, grande quantia de responsabilidade, um saco de perseverança, alegria de estar vivo. Junte tudo, adicione uma grande quantidade de saberes, não esqueça do tempero, tem que ser no ponto! (Qual? O que você achar mais conveniente para a ocasião). Depois de pronto, espalhe um pouco ou à vontade por todos os lugares por onde passar.... (Mara Agripina)



Festejar a vida, “...é bom estar vivo. É emocionante!”⁴⁰

⁴⁰ Frase de Akira Kurasawa, no filme *Sonhos, no oitavo sonho, Povoado dos Moinhos*. Filme que assisti na oficina de criadores de sonhos, do meu orientador, Victor Hugo G. Rodrigues.

Brincadeiras e sonhos que fazem parte de um imaginário e que através da pesquisa se tornaram uma constante em minha vida. Venho buscando, em cada livro, dicas e escritas que me ajudem nesta caminhada onírica. Descobrimo que os sonhos e a criança devam estar presentes no nosso cotidiano e em nossas construções acadêmicas enquanto pesquisadores. Brinquedo é coisa séria, a alegria deve fazer parte do trabalho, e o riso se faz necessário.

“Fábula de uma Menina Sonhadora⁴¹

Cresceu livre, livre para fazer escolhas, uma liberdade difícil, pois sempre teve que escolher. Não havia quem as fizesse, era livre para fazê-las.
Uma menina que seguia caminhando, encontrando pessoas e tendo que escolher seus próprios caminhos.
Como dizia a poeta, por vezes sentia que seus pés seguiam seus sapatos!
Assim cresceu a menina, tendo que usar todas as possibilidades para fazer as escolhas que lhe pareciam melhores ou pelo menos, menos piores.
Encontrava pessoas boas e más, pessoas boas, mas, más ou simplesmente pessoas...
Admirava o mundo, gostava de observar, de conhecer pessoas, de ver gente, de ser gente...
A menina passou por várias estradas, algumas floridas outras pedregosas, mas continuava sua caminhada.
Para onde ia? Ia para onde a alegria estava, ia à busca de felicidade, da sabedoria e de um lugar mágico.
Não sabia que não existem lugares mágicos. A magia está dentro de nós, todos os lugares são mágicos, se usarmos a nossa imaginação criadora e nossa sensibilidade.
E a menina seguia. Para escolher qual a estrada devia seguir, olhava, cheirava, perguntava, analisava e usava de todos os seus sentidos para tal escolha. Quando por vezes, esquecia de usar um dos seus sentidos e não ligava para o caminho que deveria seguir, acabava indo por lugares obscuros, cheios de pedras, mas não desistia, seguia sua busca. Fazia

⁴¹ Essa fábula foi inspirada na Fábula de Higino. Escrita em um de meus devaneios noturnos.

amigos no caminho; não ia só, levava seu fardo que não pesava, era leve e lhe abastecia de forças para prosseguir sua viagem.

Por vezes, cansava e pensava em desistir, mas olhava para frente e via um mundo lindo a sua espera, respirava fundo e seguia...

Em alguns caminhos permanecia mais tempo, precisa dele, do tempo, para conhecer melhor os lugares e as pessoas. Era nômade por natureza e sedentária por circunstâncias do caminho que, por vezes, fazia se necessário. Sempre olhava e percebia os lugares no seu todo, pelo menos tentava. E sempre buscava beleza nos lugares por onde passava. Gostava de brincar, dançar, ia dançando pelo caminho, mas não obedecia ao ritmo do caminho, inventava seu próprio ritmo. O tempo parecia não passar para a menina, continuava sendo menina, porque continuava sonhando, criando, encontrando pessoas, continuava caminhando... Caminhando em direção a um mundo colorido, alegre, cheio de vida e amor. Um mundo de imaginação, poesia e perspectivas, um mundo a ser descoberto dentro de todos nós!". (Mara Agripina)

Essa Fábula representa minha busca por essa menina dentro de mim, tento reencontrá-la, para, assim, resgatar minha criatividade, alegria de viver e de continuar acreditando que um mundo melhor é possível.

Marcos Reigota em seu livro, *O que é Educação Ambiental?* Escreve sobre a Carta de Belgrado e cita os seis objetivos descritos pela carta, são eles: conscientização, conhecimento, comportamento, competência, capacidade de avaliação e participação. Sobre comportamento diz a carta:

Levar os indivíduos e os grupos a adquirir o sentido dos valores sociais, um sentimento profundo de interesse pelo meio ambiente e a vontade de contribuir para sua proteção e qualidade".

Não adianta só falar do meio ambiente, mas também mudar os comportamentos individuais e sociais. Os exemplos aqui podem ser vários, dos mais simples aos mais complexos... (Marcos Reigota.p.32, 33).

Penso que o comportamento que devemos buscar é uma paz interna, um melhor conhecimento de si, um prazer em estar aqui e agora e através desse ir atrás de ideais de solidariedade, comunidade e igualdade, um comportamento que busque de maneira apaziguadora, mas firme, uma sociedade melhor, com seres mais humanos e que queiram cuidar de si e do entorno.

Escrevendo o texto acima pensei em Ghandi que, com seu comportamento humilde, tranqüilo e firme, lutou pela libertação indiana, se pudéssemos ter um pouco de sua sabedoria e de seu comportamento para o cuidado de um planeta onírico. Acredito

que, a arte, a poesia e o teatro nos remetam para um mundo mais colorido e alegre. Que a arte de uma trupe circense nos leve à busca de potencialidades adormecidas, nos conduza para doces sonhos já esquecidos e que, de certa maneira, possam aguçar nossa criatividade para ir atrás de alternativas possíveis para minimizar os danos que causamos a nós mesmos e à natureza.

Para mim hoje, E.A. é parte fundamental da educação, precisamos mais do que nunca cuidar dos ambientes, lugares, territórios, seres do nosso planeta. Adoçar os caminhos amargos, temperando a vida e os lugares. Precisamos cuidar uns dos outros para que a vida seja possível, plena e alegre. Penso que a E.A. é uma ferramenta ao nosso alcance, a fim de recriar uma nova maneira de nos relacionarmos com o planeta e com nós mesmos. Como nos diz Botelho⁴²:

“... é importante estimular o “ser feliz”, o “ser que sonha acordado”, o “ser onírico”. É na leveza da alma e do corpo que nos conhecemos mais, percorremos nossa geografia, nos sentimos visceralmente vivos com capacidade de celebrar o gozo de viver, para então começarmos a perceber aquilo que nos rodeia”.

Acredito na E.A. como que englobando uma série de palavras, tais como: solidariedade, rede, comunidade, amor, integração, respeito, sustentação, paz, cuidado, justiça, sociedade, liberdade, espaço, vida e felicidade. Para mim estão todas entrelaçadas. Precisamos urgentemente sermos mais solidários com todos os seres do planeta, precisamos viver com cuidado, em paz, com liberdade e respeito, respeitando os espaços para que haja sustentação para todos, que o amor faça parte de todas as comunidades e sociedades a fim de criarmos redes de amparo aos necessitados e que possamos criar um planeta feliz. Não sou ingênua, nem romântica o tempo todo, mas se não sonharmos com um mundo onde a felicidade seja a nossa busca eterna, então podemos cruzar os braços e deixar o planeta ter um fim mais rápido.

Nietzsche em Assim falou Zaratustra nos diz que o homem é uma ponte “... *O que é grande no homem é que ele é uma ponte e não um fim: o que pode ser amado no homem, e que ele é um passar e um **sucumbir***”⁴³ (Nietzsche, Assim Falou Zaratustra.

⁴² Botelho, 2007. Dissertação de mestrado.

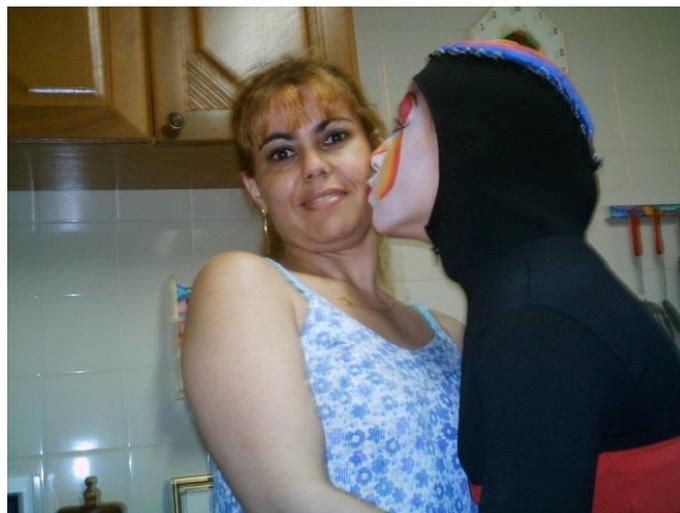
⁴³ Grifo do autor.

p.227)”. Que essa ponte seja um caminho de possibilidades, de descobertas, de busca do melhor de nós mesmos.

Li certa vez, nem lembro quando, viajando para o interior de Canguçu, cidade vizinha de Pelotas, escrito na traseira de um caminhão a seguinte frase: “Nasci pelado, careca e sem dentes, o que vier é lucro”. Fiz questão de nunca mais esquecer essa frase, realmente penso que nossa estada aqui na Terra é muito breve e estamos aqui para sermos felizes e fazer os outros também felizes. Acredito que nosso passar e nosso sucumbir deva ser por caminhos que nos levem ao encontro dessa criança dentro de nós, que deixamos adormecida lá no passado e que por suas mãos encontremos a tão almejada alegria de viver e aprender.

Eu aprendi a andar; por conseguinte corro. Eu aprendi a voar; portanto não quero que me empurrem para mudar de lugar. Agora sou leve, agora vôo; agora vejo por baixo de mim mesmo, agora salta em mim um Deus. Nietzsche. p. 46. 2000).

ALEXIA, ECOGATO, EU E O THOLL: TUDO JUNTO
E ONIRICAMENTE MISTURADO



O Ecogato surgiu em 2004. Fazia parte de um Núcleo de Educação Ambiental (NEA) dentro da Agenda XXI, que acabou se desintegrando. Como o trabalho com E.A. já vinha sendo feito dentro da escola por mim e um grupo de pessoas, comecei a organizar reuniões para a formação de um grupo de E.A. do Colégio Municipal Pelotense. No início, tínhamos a participação de dois professores, um ex-funcionário da escola, uma ex-integrante do NEA Centro-Porto-Várzea e algumas pessoas que hora e vez auxiliavam o trabalho e faziam parte das reuniões. A idéia era fazer trabalhos com os alunos e aprofundar os estudos em E.A.

No primeiro ano, ficamos estudando e organizando o grupo, vendo quais estratégias, quais as turmas que seriam envolvidas e qual o perfil que queríamos dar ao grupo e escolhemos o nome do grupo (Ecogato).

Recebeu esse nome por ser o gato pelado o símbolo do colégio, nome que data da época em que o colégio chamava-se *Gymnasio Pelotense*⁴⁴ e por uma rixa com uma escola particular, o *Gymnasio Gonzaga*. Recebeu o apelido devido às iniciais da escola e, em contrapartida, o *Gonzaga* recebeu o apelido de *Galinha Gorda*. Brincadeiras que ficam presentes no imaginário infantil, até os dias atuais o *Gato Pelado* é o apelido da escola e quase todos os projetos, de uma maneira ou de outra, levam o nome do gato.

Em 2005, abrimos inscrições para os Agentes Ambientais Ecogato; começamos com as 4ª e 5ª séries. Minha filha Alexia estava na 4ª série e por já conhecer o trabalho quis logo fazer parte do grupo.

No mesmo ano, foram feitos trabalhos em parceria com a Profª. Marta Inchauspe que atendia as 4ª séries com aulas de Ciências e dando enfoque em E.A. e para as 5ª séries fizemos reuniões, palestras, passeios e várias outras atividades. Nessa época, minha filha já fazia parte da trupe do Tholl e também do Ecogato. O grupo cresceu bastante em 2006, muitos alunos nos procuravam para fazer parte do grupo, alunos de outras séries. Nesse ano, abrimos inscrições para Agentes Ambientais Ecogato para 5ª e 6ª séries, e o trabalho se intensificou e cresceu, já tínhamos mais de 50 agentes. Alexia já era minha primeira ajudante, pois me auxiliava na comunicação com os agentes.

⁴⁴ Amaral, Giana Lange do. *O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas*. Seiva Publicações/UFPel.1999.

Em 2007, abrimos inscrições para agentes nas 5ª, 6ª e 7ª séries. Minha filha me dava a assistência necessária, seus colegas de aula também. O legal é que essa proximidade me levou cada vez mais para perceber minha filha, como uma grande seguidora e impulsionadora de meu trabalho.

No final de 2006, me inscrevi para o mestrado em E.A. na FURG. Queria fazer uma pesquisa com moradores de Pelotas, nascidos e migrantes, queria investigar suas relações com a cidade, como era a cidade de seus sonhos! Em conversa com meu orientador este me levou a pesquisar o Tholl e sua influência na percepção de uma nova Pelotas, em perceber como o olhar de minha filha tinha se ressignificado, a partir da participação na trupe, como sua auto-estima tinha crescido e como nossa relação havia ficado cada vez mais intensa com o trabalho.

Em minha trajetória de 2007 para cá, lendo alguns livros de Nietzsche e Bachelard os quais cito na bibliografia, eu consegui compreender e perceber melhor o que meu orientador queria me mostrar, mas ainda não tinha bem claro como fazer. Pude também perceber como a relação dos moradores da cidade tinha se re-significado com as aparições do grupo Tholl em vários programas de TV como Eliana, Hebe Camargo, Faustão, Luciano Huck, sempre ressaltando e falando de Pelotas. Pelotenses e moradores ficaram orgulhosos, de certa maneira o apelido pejorativo da cidade havia sido deixado de lado, Pelotas passava a ser a cidade do Tholl.

Consegui perceber, também, em minha filha, esse orgulho e sua vontade de potência. Sua vontade de superar seus limites nos treinos, voando na esteira, fazendo flics⁴⁵ sem medo, ousando e usando a astúcia, coisa que não era muito comum acontecer.

Em contrapartida, nascia também uma vontade de fazer mais pela cidade e parecia que o Ecogato era o caminho que já estava de portas abertas.

Sua ajuda começou a ser mais freqüente e sempre trazendo idéias novas e projetos novos para colocarmos em prática, tanto que, por vezes, eu tive que recusar alguns, por não conseguir dar conta de tanta coisa. Alexia e seus amigos sempre vêm com novidades e vontade de ajudar. Isso tem sido essencial para meu trabalho, que, às vezes, sinto solitário, pois os colegas gostam, acham interessante até fazem alguns trabalhos, mas na hora de colocar a mão na massa, de verdade, a maioria recua. Só sei que meu trabalho

⁴⁵ Fazer um giro no ar com o corpo.

tanto no Ecogato, como no mestrado se tornou mais leve, mais acompanhado. Quando se sonha acompanhado, o sonho se torna devaneio e é muito bom devanear juntas!



Que uma chuva de prata, torne nossos devaneios cheios de magia!

CAPÍTULO IV:
THOLL:

**RESPEITÁVEL PÚBLICO!! A APRESENTAÇÃO DOS PALHAÇOS,
MALABARISTAS E EQUILIBRISTAS: EDUCADORES AMBIENTAIS DE
PROFESSORES**

A BUSCA DO THOLL E O ENCONTRO COM O SONHO

LETRA DO SAMBA ENREDO⁴⁶

Alegria, alegria
Vem, criança, o espetáculo vai começar
Todos juntos no circo
Vamos brincar

Vejam só, que maravilha
Nesta festa popular
Malabarista, domador e equilibrista
O show de mágica vai começar

O Tholl trás arte e cultura
Pras crianças do nosso país
Abre os braços, vem viver essa emoção
Vem ser feliz

Roda, roda baianinha
Quero, Eu quero ver
Por debaixo desta lona tem surpresa pra você
Tem pipoca, pirulito e mariola
O resto você vai ver...

E o palhaço muito louco
Fazendo palhaçada
Pra garotada aplaudir
Alegria e samba, pessoal
Trazendo o circo pra dentro do carnaval

Dentro do objetivo desta pesquisa de fazer uma análise com os integrantes da trupe do Tholl e suas relações com o lugar em que vivem, pensamos continuamente nos possíveis futuros multiplicadores de Educação Ambiental Não-Formal e/ou Informal. Que este sirva de referência em espaços escolares, ou não, para que possamos ver outras possibilidades de se pensar Pelotas e a Satolep dos nossos sonhos.

⁴⁶No carnaval de 2007 o Bloco Mirim “Alegria e Samba” homenageou a Trupe do Tholl, com o esse samba enredo.

Por isso procuramos investigar a cidade sonhada pelos integrantes da trupe. Tentamos desvendar como os integrantes do grupo Tholl enxergam, hoje, a cidade em que moram; como levam o nome da cidade para outros lugares; como cuidam os lugares em que residem: sua casa, seu bairro, os lugares que freqüentam, enfim, como cuidam de Pelotas? O que mudou de sua relação com a cidade depois de terem entrado para o grupo? Sonham, com um mundo melhor? O trabalho na Trupe os fez ficarem mais alegres, mais felizes.

Minha filha faz parte dessa Trupe, vi nascer nela um sentimento diferenciado pela cidade. Vi minha filha ir além de suas possibilidades, eu a vi perder seus medos, enfrentar desafios. Isso me fez perceber o quanto nossos sonhos despertados, nossos devaneios, nos levam a vencer medos, a criar possibilidades e fazer-nos despertar, para uma nova percepção de mundo.

Parece que, aos poucos, os artistas locais de Pelotas conseguem sensibilizar a população, porque eles demonstram, através da arte, um olhar diferenciado, um olhar potencializado do município. São vários os trabalhos artísticos que valorizam a cidade, alguns já citados anteriormente. O poder público tenta chamar a atenção dos habitantes aos atrativos da terra, com investimentos no turismo urbano e rural, projetos de restauração de prédios antigos, valorização da colônia, entre outros. Porém, há um longo caminho a ser seguido para o desenvolvimento desse setor em nosso município, pois ainda há falta de infra-estrutura e comprometimento da população para tal.

A meu ver, o grupo Tholl estabeleceu mais uma imagem positiva da cidade de Pelotas, fazendo, da Satolep dos nossos, a cidade do Tholl.

Como as ondas de energia se propagam. Quem sabe despertar através do trabalho a atenção e um olhar estrangeiro, um olhar onírico, um olhar com potencialidades e que possa trazer orgulho, pertencimento e cidadania a seus habitantes.

O texto abaixo foi escrito por Alexia e Gabriela em 2007, na volta do treino de uma quarta-feira qualquer, elas não colocaram a data.

“Pelotas antes e depois de entrar para o Tholl

Antes de entrar para o Tholl, víamos Pelotas como uma cidade com muitas riquezas, mas depois de entrar para o Tholl, conhecemos uma grande riqueza, um espetáculo que mistura teatro, música e artes circenses.

No Tholl, nós fazemos coisas que podemos levar para o nosso dia-dia, pois lá no Tholl nós não aprendemos a fazer só exercícios; aprendemos, também, a respeitar as pessoas e saber onde está o nosso limite. Agora que estamos no Tholl, nossos amigos nos tratam diferente, pois acham muito legal, também queriam estar no nosso lugar. Contudo, o Tholl para nossa vida, faz muita diferença.”

Em todos os espetáculos que vi, percebi que as pessoas saem maravilhadas, voltam a sua infância, sentem-se felizes e orgulhosas, por fazerem parte da cidade que deu origem à Trupe. Hoje, o grupo Tholl é patrimônio do Estado do Rio Grande do Sul.

O município possui várias belezas, porém é mal cuidado, pelo menos é o que se pode ver nas ruas da cidade, com lixo espalhado e sujeira para todo lado que se olha. Poucos são os moradores que limpam suas calçadas; parece que a limpeza dos lugares públicos é sempre do outro, é sempre e somente do poder público. Passam administrações de partidos diversos, alguns com projetos para deixar a cidade mais limpa, com aspecto mais agradável, mais acolhedor, porém, a população parece pouco perceber e pouco se comover com essas ações e continua a cidade da mesma maneira, suja e sem zelo.

Os espetáculos da Trupe do Tholl aguçam a auto-estima dos moradores do município, que resgatam sua história de cultura e de sonhos. Esse sentimento despertado provoca o questionamento, de onde surgem as seguintes perguntas:

Como era a cidade com que sonhavam na infância? O que não se concretizou? Se é que algo se concretiza, o que mudou de lá para cá? Que os encanta e quais seus desencantos com o município? Que lugares são motivos de gosto?

Como levam o nome da cidade para outros lugares? Que contam sobre ela? Como se relacionam com o patrimônio da cidade e como tratam e vêem esse patrimônio? O que dizem a respeito?

Dessas questões, que foram pensadas, algumas foram escolhidas para a entrevista com os integrantes da Trupe. As quais aparecem mais adiante.

Achamos pertinente apresentar o trabalho em escolas, em eventos de educação para despertar ou suscitar a idéia de uma Pelotas/Satolep mais lúdica, mais onírica, para que, de alguma maneira, as pessoas possam refletir sobre seus sonhos, sobre as potencialidades de uma melhoria da cidade, relendo suas imagens.

Seria muito gostoso ver Pelotas potencializada em suas qualidades.

Uma coisa é o pensamento, outra a ação, outra a imagem da ação. A roda da causalidade não gira entre elas (Nietzsche. 2000. p. 44).

Moro em Pelotas há 27 anos, gosto daqui, e tenho minha família aqui. Viajo e vejo outras cidades bem cuidadas, limpas e uma população orgulhosa de morar onde está. É claro que não são todas, nem muitas. Ficaria feliz se minha filha pudesse tomar banho na Praia do Laranjal (balneário da cidade, que hoje se encontra poluído, sem balneabilidade), passear pelas ruas e praças sem medo de assaltos, por falta de iluminação. Pudessem desfrutar das belezas da zona rural e que tivesse prazer de dizer “sou pelotense”, livre de estigmas sobre a cidade.

O grupo Tholl fez a cidade ficar mais colorida, tornou-a mais alegre. Hoje vemos, em vários eventos da cidade, os integrantes da trupe fazendo animações e tornando nosso município um potencializador de sonhos. É muito agradável ver a cidade em que se mora mais bonita, mais alegre, com aspecto mais saudável, pois isso acaba se refletindo na auto-estima e valorização dos habitantes locais.

Atualmente, podemos perceber uma cidade bela, a verdadeira Princesa do Sul, com habitantes felizes, não apáticos, mas criadores de potencialidades, com garra para fazer a cidade se desenvolver, porém um desenvolvimento que não trouxesse danos para o município, com zelo e carinho pelos lugares, cultivando as culturas locais, valorizando os produtos da terra.

Quando pesquisamos sempre vem à tona algo que queremos. Algo que faz parte das nossas expectativas, dos nossos desejos, dos nossos sonhos; queremos compartilhar, dividir e somar sonhos adormecidos, para juntos devanearmos. Enfim, gostaria que o presente trabalho fosse aproveitado para despertar o pensamento em uma Ecologia Onírica, ecologia está voltada para a casa dos sonhos, para todas as casas em que habitamos e todos os territórios que ocupamos.

Para analisar o trabalho, entrevistamos treze integrantes da Trupe. Questionamos sobre como o Tholl os fez perceber Pelotas. Se a percepção da cidade mudou depois que entrarem para a Trupe. Acreditam que a arte circense pode servir como ferramenta de Educação Ambiental? E se o novo espetáculo “Kaiumá: a fronteira” vai ter alguma

ressonância no cuidado com a cidade e os ambientes por onde passarem? Como sua entrada para trupe modificou suas vidas, e seu modo de perceber a cidade?

Na busca da metodologia, analisamos a realidade de maneira contraditória, por esta não ser absoluta (não é regida por leis naturais), é histórica, por isso superável, tendo ciência de que a pesquisa não é neutra, nos comprometemos com o objeto da pesquisa, com ética e respeito, comprometidos com as realidades estudadas, visando à transformação. Quem pesquisa, sofre uma metamorfose e acreditamos que o pesquisado também passe por um processo de auto-análise e de transformação. Olhar para nossos sonhos, nos traz de volta a nossa própria realidade, aos nossos anseios e vontades por vezes esquecidos na correria do cotidiano.



Somos uma corda? Ou nos agarramos nela?

THOLL – HISTÓRICO DA TRUPE

“O Tholl quer, mais que tudo, divulgar a cultura de Pelotas. Amamos nossa cidade, queremos vê-la crescer, evoluir e não vamos sair daí”⁴⁷.

O grupo Tholl, primeiramente chamado de OPTC (Oficina Permanente de Artes Circenses) foi criado em 1987. João Bachilli liderando um grupo de amigos, todos integrantes, atletas de Ginástica Olímpica, resolveram costurar o aprendizado da ginástica acrobática, a dança e o teatro. Tiveram, então, a idéia de selecionar mais integrantes para criação de um grupo circense, porém sem picadeiro e lona, que atuasse em teatros e na rua, e para tal realizaram uma oficina.

⁴⁷Trecho de entrevista de João Bachilli ao jornal Diário Popular, não possuo a data, pois esse material faz parte do acervo de recortes de minha filha, antes mesmo de pensar em escrever esta dissertação.

“Várias performances foram montadas, todas de pequeno porte, no início utilizando somente a acrobacia como foco, depois incluindo a pirofagia, o malabarismo, técnicas de clown e pernas-de-pau”⁴⁸.

João Bachilli é natural de Pelotas. Com oito anos de idade praticava ginástica olímpica, fez parte inclusive da equipe gaúcha, com 18 anos foi fazer teatro e já criava figurinos e cenários, atuou também como carnavalesco.

“Performances” foi o primeiro espetáculo, durava em torno de quinze minutos. Faziam apresentações em escolas, na Fenadoce[3], Fecriança, na rua, etc. João Bachilli e mais seis artistas realizavam performances acrobáticas. Logo após veio “Visions”, um padedeu⁴⁹, um casal que realizava ginástica olímpica. Depois veio “Vícios de Voar”, um espetáculo com arco aéreo, corda indiana e pirofagia. Esse espetáculo já contava com a participação de doze integrantes, incluindo João Bachilli. “Vícios de Voar”, foi apresentado em cidades vizinhas e como os outros shows em vários locais da cidade.

Hoje, a trupe possui um centro de treinamento, onde, ao entrar já se sente uma grande energia e a vontade de brincar, o lugar parece mágico! Agora são 68 integrantes, alunos de 5 a 27 anos, mas no espetáculo Tholl: imagem e sonho são 20 artistas no palco.

A Trupe é inspirada no Cirque du Soleil, uma companhia circense que faz com que os expectadores entrem em um mundo mágico de sonhos e possibilidades. Em uma página da internet⁵⁰ o Cirque dá a seguinte receita às empresas: determinação, visão, compromisso com um ideal, resiliência, coragem para mudar, prazer para educar e servir, diversidade, paixão, visão coletiva e crença nas pessoas. Para mim, essa receita não serve apenas para as empresas, acredito que é uma receita de vida. É o circo nos ensinando a viver bem, a viver com alegria, entusiasmo e prazer; respeitando a diversidade, rompendo fronteiras e territórios desconhecidos, olhando e percebendo o outro e, acima de tudo, acreditando. Acreditando no potencial humano, apostando na felicidade de fazer o outro feliz, colorindo nossos corações.

O Tholl, assim como o Cirque, nos presenteia com toda essa alegria, nas performances acrobáticas. Em alguns momentos do espetáculo é imprescindível que um

⁴⁸ João Bachilli, revista do espetáculo.

⁴⁹ Do francês “pas de deux”, uma dança para duas.

⁵⁰ www.msn.com do dia 25/05/2008.

dos acróbatas olhe o outro, confiar no outro e saber que ele está lá para segurar, amparar, cuidar. Pude presenciar em uma das apresentações, um dos integrantes ter uma das pernas-de-pau arremessada ao longe, logo os outros acrobatas vieram em sua direção e pegaram-no, não tendo ninguém se machucado. Foi um momento de superação, a platéia e o próprio grupo, ficaram temerosos com a possível queda. O grupo foi ovacionado pela platéia que naquele momento recebia uma grande lição de espírito de equipe, e de cuidado.

“Como definimos, ser OPTC é viver na corda bamba entre o querer, o poder e o dever. A técnica circense é constante e reveladora para o desafio, para o conhecimento, a aprendizagem das expressões que se têm guardadas no corpo, emoções escondidas na alma e a superação dos próprios limites... deixar a idéia de que nossos sonhos nunca sejam esquecidos por mais impossíveis que pareçam, que uma chuva prateada cubra estes sonhos, levando-os para dentro de nossos corações, resgatando em nós a Alegria do bem viver (site optc.com.br)”.

A Trupe para dar conta de vários agendamentos, lançou o poket show Exotique, que João Bachilli define no site da trupe, da seguinte maneira:

Todos nós procuramos uma singularidade, por vezes tênue, às vezes quase louca, desorientada, por vezes chique, às vezes “over”! Sejamos extravagantes, esquisitos... por que não? Para muitos são estranhos, com atitudes excêntricas, mas totalmente verdadeiros! Na busca dessa diferença nos sentimos criativos e encontramos dentro de nós uma liberdade de expressão, de forma e jeito únicos... ímpares... Nosso corpo fala palavras mudas e nossos olhos vislumbram cores e formas que detalham uma época, ou várias juntas. Não encontramos isso em livros, somente na experiência. O tempo... o tempo... marcando e direcionando várias histórias... tantas vidas. Estamos em meio a muitas pessoas e nos sentimos um verdadeiro “estrangeiro”, um saltimbanco em novos costumes! Cada um de nós leva consigo uma mala imaginária e nela carregamos nossos sonhos e desejos, tudo para buscar novas sensações e para atingí-las é preciso ter coragem! Ousar... definir... aproveitar... responsabilizar-se... entregar-se! A nave da felicidade esta acionada para todos nós decolarmos, viajarmos juntos em uma grande descoberta, aproveitando para olhar profundamente o mundo à nossa volta, detalhe por detalhe, e captar em nossa mente tudo aquilo que nos faz rir, ou chorar, mas nunca agirmos com indiferença ao

nosso redor. Precisamos ter visão de que somos todos iguais e que, antes de tudo, temos que nos sentir extremamente vivos! Exótico! Exotique! Do latim, *exoticu* e do grego, *exotikós*. Para nós, nada mais que um “estrangeiro das épocas”!

Exotique possui um figurino requintado, são 16 artistas em cena, que fazem malabarismos, acrobacias, equilibrismo, com muita sensualidade. Utilizando o a mímica do clown. A dança e a música, minuciosamente escolhida, fazem do espetáculo um momento de pensar o diferente, de querer ser diferente. De ousar com o colorido, com o vermelho vibrante de suas roupas. De querer ser um clown⁵¹ exótico.

⁵¹ Clown vem do alfabeto grego que na tradução portuguesa é palhaço. A diferença entre os dois é que; o clown usa roupas comuns e possuem um humor mais sutil, com movimentos livre e ao mesmo tempo suaves e o palhaço roupas coloridas e largas, e seu humor e mais pastelão e brincalhão.



Ser “Exotique” é ter essência, ser o que se é...

UM BASTIDOR DE SONHOS DOCES

O CT (Centro de Treinamentos) do Tholl é lugar prestidigitador, um lugar de sonhos e magia. Fica, impregnado no ar, a energia, a força que esses jovens empenham para deixar os movimentos perfeitos. A impressão se tem é que, nós meros mortais,

podemos também fazer aquelas piruetas. Fica a vontade de se jogar, de pular, de deixar o corpo fluir naquele universo encantador.

Tive a oportunidade de assistir a vários treinos, alguns da época em que treinavam no Teatro do Colégio Municipal Pelotense (CMP). Por vezes buscando minha filha, noutras assistindo o treino desde o início. Confesso, que ficava com um certo temor, de observar os treinos, eram muito puxados e em alguns movimentos temia pelo corpo de minha pequena.

O tecido sempre me encantou, dizia para o diretor João Bachilli que um dia iria tentar subir naquele pano que parecia me hipnotizar, nunca surgiu a oportunidade ou talvez a coragem tenha me faltado. Depois de ter visto minha menina subir aquele pano colorido e largar seu corpo e descer rolando, sem nada para proteger caso caísse, perdi um pouco a vontade. Engraçado como coração de mãe é medroso.

Os treinos começavam com uma corrida, lá no CMP, corrida normal, faziam várias voltas ao redor das cadeiras, depois faziam a corrida de bichos, onde corriam agachados. Logo após a corrida começavam a montar os equipamentos, cama elástica, colocar a lira⁵² no lugar, colchões, os tecidos, e outros equipamentos.

A trupe dividida em grupos, os pequenos geralmente treinando acrobacias nos colchões. Algumas meninas na lira, outros no tecido aéreo. Fila na cama elástica... E no ar o sonho de tornar os movimentos limpos, rápidos e precisos. Na platéia, pais, mães, amigos (as), e o João Bachilli com seus olhos de lince que observava tudo e todos, sempre achando alguma imperfeição, um movimento para ser corrigido ou uma pirueta torta. Impressionante como naquela confusão, se é que era uma confusão, mas com tanta gente fazendo coisas diferentes, ele conseguia prestar atenção e ver o todo, ver todos, e levá-los a busca da perfeição.

Por vezes aparecia alguém chorando, por ter errado o movimento, mas logo vinham alguns colegas para incentivar e levantar a moral. Fazendo engolir o choro e ir buscar a perfeição, indo além de si, superando os obstáculos de si.

Os espectadores na platéia do treino, num mix de vontade de participar e o coração na mão, impossível de se estar ali sem a emoção vibrar. Uma alegria que vinha nem sei

⁵² A lira é um círculo de ferro que serve para as acrobacias aéreas.

de onde, acredito que vinha daqueles rostos e corpos que davam o melhor de si, para a arte, para o movimento, para a superação.

A Trupe ficou no auditório do CMP, por algum tempo, e o primeiro patrocinador de peso, foi a Universidade Católica de Pelotas, que apostou na arte e no projeto que João Bachilli propôs. Essa parceria de vários anos, e que tornou possível a Trupe manter-se.

No site da Trupe, no histórico João nos conta que:

“Segundo [João Bachilli](#), no começo tudo foi extremamente difícil, muitos se apresentavam de pés descalços, pois não tinham sapatilhas e nem dinheiro para comprá-las. Eram vários alunos, vários grupos diferentes. Não havia a estrutura de hoje para oferecer qualidade maior de treinamento, e o grupo não possuía tempo disponível. Tudo era muito corrido... Com o tempo, passaram a treinar no Colégio Municipal Pelotense, com apoio do professor Luiz Eduardo Nogueira, o Adinho, então diretor, grande incentivador do Tholl, que também conta até hoje com apoio e colaboração da diretora, professora Marita, por quem o Tholl tem imenso carinho. Aos poucos, começaram a aparecer mais integrantes para participar do Grupo, passaram a ter mais tempo para os treinos e puderam qualificar mais cada um dos integrantes. O Grupo Tholl ficou sediado no Pelotense por seis anos. Diz Bachilli: “Ensaiávamos Tholl diariamente, todos os dias da semana, almoçávamos todos na minha casa ou em algum restaurante quando havia dinheiro”, lembra com carinho, revelando que “com o trabalho de animação começando a surgir, a gente abriu mão do cachê para comprar os apetrechos para o espetáculo. Aos poucos fomos comprando... E aí está o Tholl”. Faltava uma semana para a estréia e tivemos muita sorte. Creio que estávamos “bem assistidos”, pois apareceu um trabalho grande de animação, entrou dinheiro e fizemos o primeiro espetáculo no Theatro Sete de Abril. Casa lotada, o que não foi um parâmetro, pois a maioria das pessoas era das nossas famílias e amigos. Após mais um espetáculo, em 2002 ou 2003, apareceram mais pessoas, pediam cenas, empresas passaram a contratar o Grupo. Então apareceram amigos, lembra Bachilli, “a jornalista Elaine Acosta e Paulo Martins, que abraçaram a produção, pois não tínhamos tempo para isso e o tempo que tínhamos não podíamos perder, ensaios... quando se faz tudo junto, não se consegue aprimorar”. Após a contratação da produção, o Grupo passou a investir mais em si, treinar mais ainda e o espetáculo chegou mais perto do que é hoje. (site www.grupotholl.com.br/historico)”.

A Trupe vai para o seu próprio CT, e o lugar fica ainda mais fascinante com uma sala para o figurino, outra para TV com sofás vermelhos, e um camarim com inúmeros espelhos e decoração oriental, com muito vermelho e dourado.



Meros tecidos tornam-se asas⁵³.

⁵³ Frase de Alexia Ferreira Haddad.

THOLL E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

THOLL TELETUBES⁵⁴

“Assisti as três apresentações de “Tholl, imagem e sonho” que o Grupo Oficina Permanente de Técnicas Circenses deu no Theatro São Pedro em fevereiro de 2005. Teria assistido quantas vezes mais se permanecessem entre nós, por mais dias”.⁵⁵

Mais uma apresentação do “Tholl, Imagem e Sonho”. Na fila, pessoas que estão vendo o espetáculo pela décima vez, pela segunda vez, pela primeira vez. Aqueles que irão assistir pela primeira vez já ouviram falar e sabem o que esperar: um espetáculo deslumbrante!

E lá vai o grupo... Meninos e meninas dando piruetas, fazendo malabarismos, arriscando suas vidas pela arte. Indo muito além de suas forças. Além de sua elasticidade, além de si próprios! Como diria Nietzsche, “além do homem”, com vontade de potência!

Cada salto, cada cabriola nos deixam com o coração na mão, nos mostram que é possível ir além de nós mesmos, de nos transmutarmos em arte. Mostram-nos potência e como pode ser imaginável potencializar a vida!

Faz voltarmos a ser moleques, a sonharmos, a entrarmos num mundo de fantasias e sonhos. E o mais engraçado é que quem vê uma vez quer ver outras vezes, quer ver de novo, quer voltar à infância, quer o onírico outra vez.

Onde ela está, por que fica escondida, por que não nos traz alegria, onde foi parar a criança dentro de nós?

A magia do circo tem a capacidade de deslocar o tempo, de fazer a infância voltar. No momento mágico do picadeiro ou no teatro, como é o caso do Tholl, é como se entrássemos em uma máquina do tempo; sentados, admirados e imaginando sermos

⁵⁴ Teletubes, programa infantil com bonecos que vivem repetindo as palavras “de novo”, “de novo”. Como fazem as crianças pequenas. Parte do texto foi publicado pelo jornal Diário da Manhã.

⁵⁵ Martins, Miguel. Abram as cortinas: Vai começar o maior espetáculo da Terra. Revista Aplauso. Porto Alegre/RS. 2005.

capazes de piruetas, capazes de soltarmos o corpo e rir, brincar, se emocionar, ser criança de novo!

O teatro abre as cortinas. Uma voz anuncia o grupo. Lá vêm eles! Com suas roupas coloridas, seus rostos pintados que demonstram a alegria de estarem no palco, de alegrarem a platéia. A pintura não disfarça essa felicidade, parece até que acentua a mesma, a torna visível! Cada *scrap*⁵⁶ nos traz uma nova emoção, leva-nos a lugares diferentes dentro de nós mesmos, mexe com nosso íntimo.

Durante uma hora e meia, o mundo pára. Esquecemos o que está além da nossa infância arquetípica. Esquecemos das contas, dos problemas, das faltas... Talvez esse seja o segredo desse espetáculo onírico.

“Os habitantes desta terra imaginária ultrapassam esses limites, com a intenção de contagiar o público com sua alegria e paixão, fazendo de pequenos momentos imagens inesquecíveis, resgatando em todos, o sonho de um dia fazer parte de um circo”.

Ou simplesmente brincar, pular em um número de corda acrobática, flutuar em tecidos pelos ares, rir dos palhaços com suas estripulias, vibrar com ágeis acrobatas em seus saltos, trancar a respiração quando o equilíbrio e a gravidade são desafiados, ter a coragem dos pernas-de-pau, ficar hipnotizados com o fascínio e a magia do fogo, a precisão dos malabares, sincronia dos monociclos, a beleza e a plasticidade dos movimentos no arco-aéreo até que, como em tudo... É chegada à hora de partir e deixar a idéia de que nossos sonhos nunca sejam esquecidos por mais impossíveis que pareçam, que uma chuva prateada cubra nossos sonhos, levando-os para dentro de nossos corações, resgatando a alegria do bem viver. (“Livro Panfleto do Espetáculo”).

Parece que somos hipnotizados, que aquela criança adormecida dentro de nós, toma conta de nosso ser e nos faz sonhar, o devaneio nos faz partícipes do espetáculo.

Fecham-se as cortinas e queremos mais, fica o gostinho de quero mais, aquele de quando comemos um doce inesquecível. Parece que acordamos de um sonho maravilhoso, mágico, a criança volta a dormir.

Mas sentimos algo diferente, saímos contagiados pela potência, pela energia que o grupo transmite. Nossa alma festeja, sentimos-nos renovados, como se alimentássemos a criança dentro de nós e farta, ela se põe a dormir feliz.

⁵⁶ Cada bloco de pequenas apresentações artísticas.

Chegamos a nossas casas alegres, satisfeitos com alma renovada, como se estivéssemos alcançado o êxtase! Tranqüilos, renovados, passados a limpo, prontos para novamente enfrentarmos a rotina do cotidiano.

Enchemos a boca para dizer “... e são daqui!”, “... eu nunca pensei que houvesse isso em Pelotas!”, “... nem parece coisa daqui!”, “Pelotas tem cultura!”. Frases como essa fazem parte da saída do espetáculo.

E Pelotas recebe outro codinome, não é mais a cidade dos gays, é a cidade do Tholl!

Coincidência ou fato, mas após o sucesso do grupo em várias emissoras de televisão. Alguma coisa mudou na cidade! Hoje temos propaganda na TV sobre o “Orgulho de Pelotas”, depoimento de alguns pelotenses proclamando seu amor e soberanceria. Destaca-se um dos entrevistados, João Bachilli, o diretor do Grupo Tholl.

No dia 26 de junho de 2008 o grupo lançou mais uma performance “Exotique”, com um rico figurino e muita animação. A performance é elaborada com dança, malabares e acrobacias de chão. Segundo o diretor da trupe, essa performance foi criada para atender a demanda de pedidos de um espetáculo curto e que pudesse ser apresentado em qualquer lugar.

No dia 03 de agosto do mesmo ano, a Trupe fez a abertura e o fechamento do programa “Criança Esperança” apresentado pela Rede Globo de televisão, que enfatizava a importância do circo e da alegria na vida das crianças e adultos.

A Trupe ainda apareceu em vários programas, tais como: Eliana, Luciano Huck, Faustão, Fantástico, entre outros.

Kaihuma a Fronteira: novo espetáculo da Trupe vem com uma mensagem ambientalista, querem mostrar o belo, o que a natureza tem de bom e melhor, para desta maneira levar as pessoas a repensarem sua relação com o meio onde vivem e chamar a atenção para os perigos que ela corre!

Em Kaihumá, João e seu grupo almejam levar a temática ambiental para o palco, com força, arte e cheiros da natureza, a fim de através da arte circense chamar a atenção do público para o cuidado com a mãe Natureza. Trás sons, cheiros, cores e a magia da floresta. Pretende despertar seres desacordados, desatentos e que se perderam na selva de

pedra. Buscar a essência da existência nos braços da Pachamama. A força da humana que vem da natureza, se fará presente em piruetas, malabarismos, acrobacias, vôos...



Um mix de nostalgia, espanto, medo, curiosidade, cor e alegria.

THOLL, DESPERTANDO ORGULHO E PERTENCIMENTO⁵⁷

Começa o espetáculo. Seres coloridos entram em cena, a trilha sonora nos leva a entrar em um mundo de magia e sonho.

A imagem alegre a alma e a música embala os devaneios de voar.

O colorido nos envolve e já não somos meros espectadores, participamos daquele universo onírico.

O riso nos vem ao rosto, logo após, o coração bate apressado, por medo de cair. Pura emoção.

O fogo nos leva às nossas imagens de infância; “menina não brinca com fogo! Criança que mexe com fogo acorda mijada”. Mas o fogo como nos diz Bachelard: “... sugere o desejo de mudar, de apressar o tempo, de levar a vida a seu termo, a seu além... (Bachelard. 99. p.25)”.

Nossos desejos de Ícaro se fazem presentes, nas asas de um lindo anjo branco, que nos hipnotiza no ar.

Os tecidos aéreos, onde podemos entregar o corpo a cair, nos largamos da vida.

⁵⁷ A sensação de “pertencimento” significa que precisamos nos sentir como pertencentes a tal lugar e ao mesmo tempo sentir que, esse tal lugar nos pertence. E que assim acreditamos que podemos interferir e, mais do que tudo, que vale a pena interferir na rotina e nos rumos desse tal lugar. Ciente que essa temática não se encerra aqui, mas que poderia muito bem ser tema de um doutoramento, trago esse breve comentário encontrado no site : <http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>

Volto a ser a criança, andar de pernas-de-pau, de pula-corda; volto a ser a criança que fui outrora. Equilibro-me no topo do mundo, deixando meus pés conduzir-me para o tudo e para o nada.

Sonho acordada, devaneio onírico, que acaba com o fechar das cortinas.

O Tholl trouxe para nossa cidade um sentimento que estava adormecido, um sentimento que estava latente, porém guardado, sem cor. A Trupe, com seu colorido, sua alegria despertou sonhos adormecidos e trouxe cor, vibração, energias de potência.

Várias foram às ações que se formaram à margem do potencial onírico do Tholl. Um grupo de estudantes da Universidade Católica de Pelotas do curso de Jornalismo escolheu como tema para participar de um concurso da CNN Internacional (promovido pela Turner Internacional – Canal CNN Internacional, TV americana), o Tholl. O evento que, em 2008, em sua quarta edição, teve como temática a **socialização por meio da arte**⁵⁸. O que segundo os alunos da católica encaixou-se com a realidade da Trupe.

-“Tem gente gordinha, magrinha. Não é exclusivo da periferia, e nem é um grupo elitizado (Giane Fagundes. Diário Popular, 18/07/08)”.

Com a reportagem “Tholl: a arte faz pensar maior” o trio de alunos de Jornalismo Giane Fagundes, Bruno Schuch e Marcelo Pires, ficaram classificados entre os dez finalistas do Concurso Universitário de Jornalismo da CNN.

-“Tentamos mostrar o que mudou na relação deles com sociedade depois de começarem a participar do Tholl. Mostrar que eles vencem as diferenças por meio e um objetivo em comum que é a arte (Bruno Schuch. Diário Popular, 18/07/09)”.

Giane fez parte da Trupe há uns seis anos atrás, e sempre teve vontade de voltar e fazer uma reportagem a respeito do Tholl. E a escolha se deu pelo próprio conhecimento do que era o convívio social e o trabalho com as diferenças dentro do grupo. Em entrevista, quando perguntei se o Tholl trouxe alguma diferença para Pelotas; ela respondeu:

⁵⁸ Grifo meu.

- Trouxe com certeza, isso te respondo pelo seguinte: Pelotas sempre foi vista como uma cidade cultural... Mas o que aconteceu... - Quando a gente montou o primeiro espetáculo; os primeiros ingressos, foi assim... A gente montou...

- Quando a estréia foi, em dois dias, no sábado e domingo; ou na sexta e sábado, uma coisa assim...

- No primeiro dia o teatro tava cheio, de familiares e amigos.

- No segundo dia a gente dava o ingresso para as pessoas. A gente ligava e dizia: - Fulaninho vem ver o espetáculo.

E respondiam – Não, mas não tenho dinheiro.

– A gente ta te dando o ingresso!

- Ah, mas assim...quero ficar em casa não fazendo nada.

- E as pessoas, sabe... Não viam aquilo ali.

- Tinha um pouco dessa cultura, “ah não vou, não tenho muito hábito de ir a teatro” e acabavam não indo.

- Quando as pessoas começaram a ver... .A primeira coisa. “Da onde vocês são?”

– Ué, nos somos de Pelotas!

As pessoas diziam :

– Não, não acredito que vocês são de Pelotas.

- E agora não! Tu vê, assim... “ah o Tholl é de Pelotas”, e o teatro sempre lotado.

- Então acho que o Tholl mudou um pouco essa concepção de que o que é bom vem de fora!

Na entrevista pude ver o entusiasmo e o orgulho tanto pelo trabalho feito, como pelo grupo que foi alvo da reportagem; que teve o tempo de dois minutos. Fato que rendeu muito trabalho, para os três alunos na escolha de imagens para edição de filmagem. Segundo eles, havia muita coisa para ser apresentada; um grande volume de fitas gravadas e filmes, e que o grupo foi super receptivo e amável, mesmo com quebra de material, ou improvisado de microfone.

A Trupe, também, sempre participou de campanhas para auxiliar a comunidade. Foram campanhas de apresentações com ingressos trocados por alimentos não perecíveis, apresentação para campanha de auxílio ao Colégio Municipal Pelotense, onde treinaram por muitos anos. Na tragédia do Clube Esportivo Brasil, quando do acidente em 2008, que vitimou dois jogadores e um treinador e diversos jogadores machucados, o Tholl realizou espetáculo no gramado Xavante, doando a arrecadação para o próprio Clube se reerguer. Ações no Natal, Dia da Criança, enfim, o Tholl sempre alegrando, ajudando a cidade e a tornando mais colorida e feliz.

A arte faz pensar melhor, acorda sentimentos e sonhos, possui um despertar de potencialidades, torna-nos mais vivos. Ver o espetáculo é acordar para a potencialidade de um mundo melhor, com pessoas felizes, com leveza e coragem. Coragem de vencer

desafios sem perder o bom humor, sem perder a alegria de viver, transformando desafios em criatividade.

Em um artigo do Diário Popular, o maior jornal da cidade, Joari Reis escreveu com o título, "Tholl, a Pelotas que deu certo!":

Amadores com qualidade e responsabilidade de profissionais, mostraram a todos nós qual é o segredo do sucesso. Tholl é a Pelotas que deu certo! Aqui, onde as pessoas nem sempre votam bem, são descrentes e até derrotistas, o Tholl veio e venceu. Mas por quê? Porque praticam tudo quanto está faltando por aqui: trabalho e solidariedade.

Não é à toa que essa cultura pelotense chegue a esse nível. Pelotas possui uma longa estrada cultural, e se o Tholl hoje é o sucesso que é; isso se deve a essa entidade espiritual que ronda a cidade e faz com que em Pelotas se respire cultura, como diz Cleiton Ramil, na propaganda "Orgulho de Pelotas".

A arte faz ir além, e mostra aos espectadores que é possível, com disciplina, criatividade, alegria e união conseguirem o sucesso e colocar Pelotas no mapa do Brasil, não só como, a Cidade do Doce, mas como a cidade do Tholl, a cidade da alegria.

No site do Orkut⁵⁹, a comunidade "Tholl, Imagem e Sonho"; faz a seguinte pergunta: - Descreva com uma palavra o que representa o Tholl para você?

Capturei 147 adjetivos, alguns se repetem, mas se pode notar o que realmente representa a Trupe, não só para sua cidade natal, mas para o restante do país. Dentre os adjetivos temos:

- Perfeito (9 acessos)
- Sonho, Maravilhoso, Fantástico e Inesquecível (7 acessos na rede);
- Magia e Emocionante (6 acessos na rede);
- Magnífico, Espetacular, Indescritível (4 acessos na rede);
- Inebriante, Tudo, Alegria, Sublime, Incrível, Encantador, Lindo e Fascinante, (3 acessos na rede);
- Encanto, Fantasia, Único, Mágico, Demais, "Mara" (2 acessos);

⁵⁹ Site de relacionamento, já mencionado anteriormente. Bastante utilizado no Brasil.

- O Melhor, Admirável, Genial, Sensacional, Impressionante, Libertador, Amor, Explendoroso, Emudecedor, Arte, Inspirador, Memorável, Tocante, Ternura, Inabalável, Imaginação, Fenomenal, Surpreendente, Apaixonante, Poético, Impar, Sensível, Inacreditável, Emoção, Comovente, “Diver”, Máximo, Poesia, Sub-Mundo, Sucesso, Surreal, Superação, Incomparável, Terapia, Especial, Excepcional, Luz, Supremo, Vida e Fantasia, Amazing (assombroso), Sem Palavras...(com um acesso cada).

Os adjetivos acima citados denotam o carinho e a emoção que o espetáculo proporciona a quem o assiste, somos tocados em nossa alma. As palavras parecem sair de um imenso vulcão de emoções e sentimentos, como se platéia e Trupe fizessem parte de um mesmo e imenso vulcão. Onde transborda a alegria e a energia de estar vivo.

Para compreender melhor esse encanto onírico fiz algumas perguntas para João Bachilli sobre seus sonhos de criança e os sonhos hoje. Numa conversa contou-me que nunca teve um sonho grandioso, mas que sempre gostou de brincar e diz que isso é o que faz até hoje. Que teve uma infância muito livre, que adorava brincar de circo, reunia os amigos do bairro e fazia apresentações circenses inclusive cobrando ingressos. Teve uma ligação muito grande com a avó que era florista, fazia flores para grinaldas e arranjos. Sua avó trabalhou para os melhores estilistas da cidade. João conta que adorava ajudar a avó, e desenhar e ouvir novela de rádio com ela. Menciona que sempre agiu instintivamente.

Na infância, aos sábados, ia passear pela cidade na companhia dos pais, iam à praça, olhavam vitrines, andava de bicicleta... O carinho maior com o município veio através do esporte, pois como fazia ginástica olímpica, por vezes ia competir em outras cidades, isso instigou a valorizar o local em que nasceu. Hoje esse orgulho pela Satolep de seus sonhos cresceu muito, com as idas e vindas de apresentações pelo Brasil todo. E em uma entrevista diz: “O mais interessante das viagens é que sempre retornamos isso é muito bom.”⁶⁰.

Na suas falas e no que nos diz João Bachilli, percebemos a valorização que dá ao lugar em que passou sua infância, valorização da cultura da cidade. Esse carinho e esse

⁶⁰ Frase de João Bachilli na Revista Gente Boa. Editorial 3. Site: pelotasgenteboa.com.br.

respeito por Pelotas, ele leva para dentro da Trupe, propagando o município em outros lugares, faz valer-se da beleza e cultura pelotense.

Foram entrevistados treze integrantes da Trupe. Sendo as seguintes as perguntas:

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que entrastes para a Trupe? Explica.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

4 – Acreditas que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Do que pude analisar, os integrantes desse universo onírico re-configuraram seu olhar, perceberam a cidade mais bonita, sua cultura, valorizaram mais seu município, bem como conseguiram ver a importância do turismo. Em suas idas e vindas passaram a conhecer melhor a Satolep sonhada.

Os mesmos acreditam no que fazem e pensam que a arte circense através do novo espetáculo “Kaiumá: a Fronteira” possa de alguma maneira servir de alerta para um maior cuidado com a natureza, com a nossa querida Pachamama.

Na saída do espetáculo, depois de receber os cumprimentos dos integrantes da Trupe, (como sempre ocorre após todos os espetáculos), questionei a treze espectadores com a seguinte pergunta: “Como o Tholl te faz perceber Pelotas?”.

Esgazeados os espectadores afirmam seu orgulho por Pelotas e pela cultura transbordante de sua querida Satolep.

Pelotas sempre teve cultura, ela nasce e um ano após é construído o Teatro Sete de Abril, mas para surgir o Tholl, ela teve que ficar doce, pois a doçura nos traz nossa infância arquetípica de volta, busca o nosso potencial criador.

Assim, João Bachilli e sua Trupe tiveram que se banhar no néctar da doçura, para nos presentear com a alegria de ser criança.

Tholl: pelotenses formigas que trilham os caminhos da alegria de viver.



Um sonho, sonhado entre atores e expectadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS
O SHOW DA VIDA TEM QUE CONTINUAR

QUE SEJAM DOCES NOSSOS CAMINHOS ONÍRICOS

Comecei o mestrado com a idéia de, escrever sobre Pelotas e seus encantos, em fazer um trabalho basicamente acadêmico. “No meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho...”, Victor Hugo em meio à conversa sobre o tema, leva-me a pesquisar o Tholl, a fazer a busca desse caminho onírico dentro do meu eu. O mais incrível disso tudo foi que o que eu menos queria era me expor, falar da Mara Agripina era um temor e foi o que justamente acabou por acontecer. Nessas linhas escritas, cruzadas e oníricas estou presente, com o que eu penso com o que acredito, com o que sonho, em meus devaneios diários, com minhas doces lembranças. Durante esse período de pesquisa, fui me conhecer, resgatar a menina que já estava perdida na memória. Pensei em fazer uma pesquisa e saí pesquisada, analisada, e oniricamente re-configurada. Muitas coisas aconteceram ao longo deste trabalho, minha filha que fazia parte da trupe teve que se afastar por um problema no joelho, entre tantas outras coisas.

Na reta final do trabalho, me chegou o tempero doce que deveria usar, com a frase do meu orientador gravada em minha mente, o tempo todo a dizer: “Quero tua alma no texto!”.

Qual o tempero da minha alma? Qual o tempero que deveria buscar? Como achar o doce néctar das palavras, em um mundo por vezes amargo?

O doce da rapadura e o chimarrão, companheiros de jornadas na frente do computador. Escrever adoçando a mente e as palavras, a procura de encantar os que se depararem com meus escritos sonhadores, com uma pesquisa que busca, através da arte, o encantamento doce de uma cidade.

Saborear a arte circense do Tholl é descobrir a potencialidade de despertar o pertencimento e deleite das ruas de um lugar mágico, perceber suas cores, alegria. Alegria e felicidade que, como educadores temos o dever de levar aos que “educamos”, seja de maneira formal ou informal.

Deliciei-me, a observar a trupe em seus treinos e vendo o espetáculo. De certa maneira, fiz parte daquele universo de sonhos e imagens utópicas. O orgulho e

pertencimento estavam presentes no C.T. (Centro de Treinamento da Trupe)⁶¹, pois era possível perceber isso nos rostos de nossos encantadores ginastas, acrobatas, palhaços, enfim de nossos artistas circenses, que acabam “transmutando” o nosso eu muitas vezes adormecido.

Estar no C.T. é estar alegre. É ver meninos e meninas irem além de si mesmos, com responsabilidade, dignidade, respeito pelo outro. Essa dedicação surge em nome da arte de levar a alegria e felicidade a quem assiste ao espetáculo.

Compreender que a tarefa de fazer os outros felizes, torna-nos mais felizes, mais integrados com a natureza e com nosso ser. Tornar a vida mais doce é a grande arte.

Essa potencialidade de colorir, adoçar, trazer felicidade, torna os integrantes do Tholl, grandes educadores ambientais não-formais, pois, como eu já havia expressado anteriormente, Educação Ambiental “é cuidado”⁶², aquele lá do início, que nos fala a Fábula de Higinio.

O cuidado e dedicação fazem parte de cada apresentação do Tholl tornando os espectadores felizes, mais integrados com a natureza e consigo mesmos. O que podemos observar como resultado dessa pesquisa, é que, os integrantes e a população, passaram a re-configurar seu olhar sobre a cidade; passaram a orgulhar-se a respeito dela. Esse orgulho que passou por diversas áreas, nas propagandas, na valorização da arte local, em seus habitantes.

A arte circense tornou-se mais uma ferramenta de Educação Ambiental, o que se percebe na frase abaixo, de uma das integrantes do grupo:

Com certeza, pois a arte circense (além do palco) também contribui com as questões sociais, como as aulas que são ministradas às crianças e dessa maneira elas recebem uma forma de pensar a respeito da arte, das pessoas, da sociedade, o grupo, assim como uma escola contribui para a formação de futuros cidadãos ativos. Além disso, com a valorização da arte, o cuidado com os espaços culturais aumentou o que trás benefícios à Pelotas.

⁶¹Que durante o ano de 2009, foi motivo de estresse para a Trupe e seu João Bachilli, pois o prédio era cedido pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que necessitou pedir o prédio ficando a Trupe sem saber para onde ir. A prefeitura e a população em geral não queria ver a Trupe sair da cidade, pois havia até mesmo essa possibilidade, por fim um outro prédio foi cedido e o receio da perda, levado embora.

⁶²Cuidar do latim cogitare. Imaginar, pensar, meditar; cogitar. Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 1ª edição (5ª Impressão). Ed Fronteira. 1975.RJ.

A arte da Trupe demonstra a força para vencer obstáculos, ir além de si, buscando o potencial humano, indo além dos limites do corpo e da cidade. A trupe tem levado o nome da cidade para todo país e além deste. Demonstra, dessa maneira, que a cultura da cidade exala em seus poros, em seu suor laboral e em suas criações surpreendentes. Resgata os sonhos oníricos de seu passado e do presente, projetando um futuro de potencialidades de criatividade, ludicidade e cultura, em um mundo onde se faz cada vez mais necessário tornar feliz um maior número possível de pessoas. O Tholl nos dá a justa medida para começarmos a assumir nossa parcela de responsabilidade nesse processo de Educação Ambiental Não-formal.

Com Kaiumá: a Fronteira, a Trupe irá re-afirmar seu papel sócio-cultural e firmar-se como, agentes ambientais oníricos, não-formais. De Pelotas para o mundo, transforma assim a arte circense em uma ferramenta ambiental. Sensibilizando espectadores, em estado de letargia, como um tsunami, lançando energia de encantamento. Para que esses se encantem e cuidem os lugares por onde passarem

“*Kaiumá, a Fronteira*, um espetáculo que usa de pano de fundo a preocupação com a ecologia e enaltece as lendas indígenas... “*Kaiumá* é um alerta para o perigo que a natureza corre”, revela Bachilli, adiantando que o espetáculo estará mostrando as belezas que temos e passam em branco por nós, principalmente o fato de muitos animais estarem em extinção, desaparecendo. “Queremos mostrar o que temos de bonito, mas de uma maneira a despertar a atenção do espectador”(Site da Trupe).

Sejamos também formigas contagiadas pelo néctar de nossa Pachamama.



Um mundo mais colorido! É o que se quer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem Azevedo. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 15ª edição. São Paulo. Ed. Cortez, 1986.

_____. **Estórias para quem gosta de ensinar**. 17ª edição. São Paulo. Ed. Cortez, 1994.

Anais do V encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB/Sul. Peixoto, Luciana da Silva; Cerqueira, Fábio Vergara (Laboratório de Antropologia e Arqueologia /Universidade Federal de Pelotas). Rio Grande, 2006.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

_____. **A Poética do Espaço**. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

_____. **A Psicanálise do Fogo**. São Paulo. Martins Fontes, 1999.

BARBOSA, Elyana. **Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação / Elyana Barbosa, Marly Bulcão**. Ed. Vozes. Petrópolis/RJ, 2004.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar. Ética da Humana – Compaixão pela Terra**. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes, 1999.

BOTELHO, Daniel Moraes. **A Educação Ambiental como perspectiva para uma outra viagem turística: revisitando os passos do guia-educador com viajantes na Costa Doce/RS**. Rio Grande: FURG, 2006. Dissertação de Mestrado.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável/** Ministro do Meio Ambiente. PNEA-Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

CARTA DA TERRA. Valores e Princípios para um Futuro Sustentável. MMA. Petrópolis, 2004.

CAPRA, Fritjof. **Ponto de Mutação**. Ed. Cultrix. São Paulo, 1982.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo. Ed. Corte, 2004.

CHAUÍ, Marielena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, 13ª ed. São Paulo, 2005.

ELAIDE, Mircea. **Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. Tradução: Sonia Cristina Tamer. Ed. Martin Fontes. São Paulo, 1996.

ESTÉVES, Pablo Réne. **A Alternativa Estética na Educação**. Ed. FURG. Rio Grande/RS, 2009.

FEYERABEND, Paul K. **Matando o Tempo: uma autobiografia**. Tradução de Raul Fiker. Ed. UNESP. São Paulo, 1996.

FERREIRA, Mara Agripina Pereira Ferreira. **Escritos Oníricos**. Poemas. Pelotas, 2009.

FORGUIERI, Marisa. **Nietzsche arte e estética: uma interpretação do belo**. Revista Filosofia ciência e vida. Editora Escala, ed. nº 19. p. 32-39.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 37ª Edição. Ed. Paz e Terra. São Paulo, 2008.

GALLO, Silvio. **Deleuze & e Educação.** Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2003.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias.** Ed. Papyrus. Campinas, 1991.

_____. **Micropolítica: Cartografias do Desejo.** Félix Guattari/Suely Rolnik. 5ª edição. Ed. Vozes. Petrópolis/RJ, 1999.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente.** 2ª Ed. São Paulo. Contexto, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade/** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 6ª edição. Ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2001

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação.** Traduzido por Semíramis Gorini da Veiga. 2ª Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2005.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **O Movimento Ambientalista e o Pensamento Crítico: uma abordagem política.** Ed. Quarteto. São Paulo, 2007.

_____. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental.** São Paulo. Ed. Cortez, 2004.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Histórias e Tradições da Cidade de Pelotas.** Pelotas. 3ª edição. Ed. Armazém Literário, 1999.

MINAYIO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento Pesquisa Qualitativa em Saúde.** São Paulo. Ed. Hucitec. Abrasco, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Willelm. **Além do Bem e do Mal ou o Prelúdio de Uma Filosofia do Futuro**. Tradução: Márcio Pugliesi. Ed. Ediouro.

_____. **Assim Falou Zaratustra**. Texto Integral. Ed. Martin Claret. São Paulo, 2000.

OS PENSADORES. Gaston Bachelard. A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos. São Paulo. Ed. Abril Cultural, 1978.

OBRAS INCOMPLETAS/ Os Pensadores. Friedrich Wilhelm Nietzsche; seleção de textos de Gerard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antônio Cândido. 3ª ed. São Paulo. Abril Cultural, 1983.

PESSOA, Fernando. Poesias Ocultas. São Paulo. Ed. Aquariana, 1995.

RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo. Ed. Cosac Naify, 2008.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).

REVISTA PANFLETO DO ESPETÁCULO Tholl: imagem e sonho. Pelotas/RS, 2005.

REVISTA GENTEBOA. Pelotas/RS, edição de setembro de 2007.

RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. **Por uma filosofia do espanto imaginário: uma tentativa de reconstrução – através das imagens poéticas – da formação do filósofo – sonhador numa perspectiva bachelardiana**. São Paulo: USP, 1999. (Tese de Doutorado).

SITE: www.defesa.gov.br/projetorondon

SITE: www.fenadoce.com.br

SITE: www.google/imagenstholl

SITE: www.msn.com do dia 25/05/2008.

SITE: www.optc.com.br

SITE: www.orkut.com.br – comunidade do Tholl Imagem e Sonho (oficial).

SITE: www.overmundo.com.br/overblog/clowns-e-palhaços

SITE: www.pelotasgenteboa.com.br

SITE: www.remea.furg.br

SITE: www.wikipedia.org/wiki/Projeto_Rondon

SITE: www.wikipedia.org/wiki/Johrei

TAVARES, Cláudia Moraes Silveira. A estética na (re) Significação de valores éticos do(a) educar(a) ambiental. Dissertação de Mestrado. FURG, 2009.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação ambiental: natureza, razão e história**. Ed. Autores Associados. Campinas/São Paulo, 2004.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias**: O Brasil é menos urbano do que se calcula.

ZANELLA, Andréa Vieira (Org.). **Educação Estética e Constituição do Sujeito: reflexões em curso.** Ed. NUP (Núcleo de Publicações). Florianópolis/SC, 2007.

Leve Lugar

Cuidar os meus lugares primeiros
Guardá-los, preservá-los.
Ah, os meus lugares!
Foram tantos os cantos do meu encanto
Quantos lugares amei!
Em quantos lugares andei!
Em quantos ainda quero andar, buscar...
Lugares com cheiros, lembranças...
Lugares que quero eternizar
Já que minha vã vida não posso!
Lugares que quero cuidar
Para que outros possam ver o que vi,
Cheirar os cheiros que senti!
Lugares que levam a caminhos de coisas novas,
Mas, com aquele ar de coisas passadas,
Bem passadas... Nunca pesadas!
Um doce passado de uma doce cidade!

Mara Agripina



Que possamos fazer o maior número de pessoas felizes!

ANEXO n° 1
ENTREVISTA

Entrevista com Alexia Ferreira Haddad, Leka, uma das integrantes da Trupe, que ainda não faz parte do espetáculo, tem 13 anos.

1-Por que entrou no grupo OPTC?

Minha avó estava na feira de criatividade no Colégio Municipal Pelotense e eu e a minha colega fomos falar com o João para ver se a gente poderia entrar, ele disse que devíamos fazer a seleção. Aí fomos fazer a seleção eu e minha amiga, só que ela não quis mais.

2-Quem é o João?

O João é o diretor do OPTC, ele que faz a seleção.

3-Por que fostes falar com ele?

Eu já tinha ido ao espetáculo, e aí que eu me interessei pela arte do Tholl e aí depois de alguns meses a minha colega me perguntou se eu não queria ir com ela falar como João (eu não conhecia ele) pra ver se a gente poderia entrar para o grupo!

4-O que te chamou a atenção no espetáculo?

Chamou-me a atenção tudo, acrobacias, tecido, pernas-de-pau, monociclo, o arco etc.

5-Por que decidiste fazer a seleção?

Porque já gostava de ginástica olímpica, e minha mãe não deixava eu entrar porque ela tinha medo, porque sei lá, sempre tive curiosidade de fazer essas coisas.

6-A tua mãe sabia da seleção?

Não, ela estava trabalhando e nem a minha vó! Minha vó ficava até às 20h na feira de criatividade, e eu estava fazendo o teste. Ela me procurou por todo o colégio e eu estava no auditório fazendo o teste!

7-Tu passaste na seleção?

Sim, passei no teste, não é seleção é um teste!

8-O que mudou na tua vida ter entrado para Trupe?

Tudo, eu acho, eu tô melhor no colégio, acho que tô mais chata, mas tudo bem! Estou mais exibida, quer dizer, sou muito envergonhada! Mudaram também minha atitude, várias coisas mais...

9-Como tu vias a cidade antes de entrar para o grupo, mudou alguma coisa?

Já gostava da cidade, mas acho que melhorou com o Tholl, tenho orgulho da minha cidade!

10-Tu acreditas que esse tipo de espetáculo pode modificar a atitude das pessoas? Em que sentido?

Acho que sim, por que como tem vários exemplos lá tem pessoas que poderiam estar na rua bebendo, fumando, e o Tholl deu oportunidade para eles, no grupo tem de tudo pessoas pobres e ricos.

O espetáculo traz energia, alegria, harmonia, as pessoas saem do espetáculo: felizes e emocionadas. Pelo que o Tholl é da nossa cidade.



Transformando devaneios em realidade.

ANEXO n° 2
ENTREVISTA À PLATÉIA

Questionamento no espetáculo de comemoração dos 21 anos de OPTC no Teatro Guarani em Pelotas no dia 24 de junho de 2008, com expectadores da platéia.

Questão:

Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

1. Influencia muito mais culturalmente, aprimorando a arte, fazendo com que as pessoas também freqüentem mais teatros e se envolvam mais com o mesmo.
2. O Tholl em termos de cultura, Pelotas mudou. Não é o grupo Tholl, é um grupo de Pelotas. O Tholl divulgou Pelotas, Pelotas apareceu muito.
3. O sucesso e empenho do Tholl, me fez acreditar que Pelotas pode, com seu potencial, mostrar para o mundo que com garra chega-se longe.
4. Pelotas sempre será diferente, pela cultura, arte e poesia.
5. Uma cidade que está progredindo, que tem coisas boas e a gente tem orgulho.
6. Sempre tive uma visão boa, mas depois do Tholl a visão da cidade melhorou.
7. Contribuiu para a arte de Pelotas. Há anos atrás tinha mais teatros, companhias mameibes, depois pararam, agora parece que voltou.

8. Pelotas evolui na arte, nos temos belos teatros, mas as apresentações são poucas. Tem platéia para encher os teatros.
9. Uma cidade com muitos sonhos, cores e vontade de brilhar.
10. Pelotas e o Tholl é a uma coisa só. Os pelotenses têm que valorizar a cidade, porque não dão valor!
11. Valorizou o nome da cidade. Levou o nome da cidade para todo o país e futuramente para o mundo.
12. A cidade tem muito mais visibilidade em todo país. Hoje todos têm orgulho de dizer que são de Pelotas.
13. Tholl, para mim, é algo de primeiro mundo. Parece inacreditável que Pelotas possa sítar um espetáculo tão grandioso. Pelotas não teria competência para produzir esse espetáculo e, na verdade, tem. A imagem, e o sonho são inerentes ao homem. Então, porque não viajar Poe esse mundo fantástico que o Tholl nos proporciona?



Tholl, beleza, arte e magia.

ANEXO nº 3
ENTREVISTAS AOS INTEGRANTES DA TRUPE

I. Entrevista:

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

Fez perceber que Pelotas é uma cidade muito bonita.

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que entraste para a Trupe? Explica.

Sim, porque, tinha algumas coisas que eu fazia. E que eu não faço mais.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

Que vai contribuir para a natureza onde as pessoas vão ser alertadas.

4 – Acreditas que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Sim. Porque serve de exemplo de ter uma linda cidade como cartão postal, a restauração dos prédios antigos.

Observações

Nome: Lucas dos Santos, do Tholl, espetáculo.

II – Entrevista:

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

Me fez perceber do ponto de vista cultural, de uma cidade que tenta através de diversos segmentos como a dança, o teatro, sempre mostrar que tem um envolvimento muito grande com esse meio.

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que entraste para a Trupe? Explica.

Sim, devido ao deslocamento para outros bairros para apresentações, como no Areal (Baronesa) acaba-se por conhecer um pouco mais de nossa própria cidade. Recentemente

houve animação no Arroio do Padre, então se conhece não só dentro da cidade, como adjacências.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

Que será mais uma forma de transmitir mensagens de alerta sobre o meio ambiente e os cuidados que temos de ter com o nosso planeta. Associar a arte à natureza.

4 – Acreditas que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Acredito que a arte em si pode trazer benefícios como novos espaços para apresentações culturais, preservação dos que já existem e isso gera um movimento em torno de outras localidades da cidade como praças, calçadão, etc.

Observações:

Entrevistado(a) A - 17 anos. Espetáculo Tholl

III- Entrevista:

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

Muitas coisas; tem vezes que, viajamos para outras cidades e percebemos que como Pelotas é importante e às vezes muito melhor.

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que entraste para a Trupe? Explica.

Quando entrei na trupe era muito pequena, tinha apenas 6 anos, não entendia muito, praticava pra perder um pouco de energia. Pelotas mudou muito parece que com o Tholl, Pelotas começou a ser mais visitada, mais procurada.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

Vem com uma mensagem muito boa, não só nossa Pelotas, mas o Brasil inteiro entender que se nós não cuidamos daqui a pouco não vamos mais ter planeta, porque vai estar sujo, ar poluído.

4 – Acreditas que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Acho que qualquer tipo de arte pode não mudar a cidade, mas várias pessoas. Muitas pessoas mudam não só a vida, mas muda o interior.

Observações:

Entrevistado (a) B – 19 anos.

IV – Entrevista:

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

O grupo me fez valorizar mais a cidade. Além disso, me ensina a respeitá-la.

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que entraste para a Trupe? Explica.

Sim. Como eu morava em outra cidade, nunca dei muita atenção à cidade. O que mudou após a entrada.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

Kaiumá nos ensinará a preservar não só a cidade como a natureza ao redor. E é disso que nos precisamos mais consciência ecológica.

4 – Acreditas que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Assim como qualquer outro tipo de arte, a arte circense nos ensina responsabilidade e respeito com as pessoas e sim, com a cidade.

Observações:

Entrevistado (a) C -16 anos. Aluno (a)

V- Entrevista

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

Me fez perceber que Pelotas é lutadora.

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que entraste para a Trupe? Explica.

Sim, pois eu pensava que ninguém dava valor para Pelotas.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

Na verdade eu não estou dentro do assunto, mas acho que pode melhorar mais ainda Pelotas.

4 – Acreditas que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Sim, com esforço e humildade sim.

Observações:

Entrevistado (a) D - entrou no ofício em 2009.

VI – Entrevista:

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

Sem resposta

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que entraste para a Trupe? Explica.

Sim, pois percebi que Pelotas não é mais a cidade do doce e sim do Tholl.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

Penso que Kaiumá vai mudar o jeito das pessoas cuidarem do meio ambiente.

4 – Acreditas que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Sim, pois as pessoas vão se espelhar no espetáculo para cuidar da nossa cidade.

Observações:

Entrevistado (a) E

VII – Entrevista:

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

Uma cidade com muitas culturas, orgulhos, sonhos e conquistas.

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que entraste para a Trupe? Explica.

Sim, pois percebi que tudo deve ser cuidado e dado o devido valor.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

Penso que será muito importante, pois as pessoas precisam se conscientizar de que é preciso haver mudança, e o Kaiumá trazendo uma mensagem ecológica, mostrará para estas, que é importante mudarmos para preservar o que é nosso, preservar o nosso patrimônio.

4 – Acreditas que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Sim, pois através das artes também aprendemos a cuidar e valorizar as coisas da nossa terra.

Observações:

Entrevistado (a) F -15 anos, aluno(a).

VIII – Entrevista:

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

Minha percepção é diretamente voltada para a elegância, sofisticação, requinte, bom gosto e principalmente a cultura local. Devido à diversidade e variedade de seu patrimônio histórico cultural, ressaltando e exaltando suas belas paisagens e praias.

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que entraste para a Trupe? Explica.

Sim, fez com que abrisse os olhos podendo enxergar e me deslumbrar com as riquezas de uma história encantadora; a beleza de sua arquitetura primorosa com seus prédios, fontes, casarões, teatros, catedrais, etc...

Valorizando a arte em cada adorno, em cada praça, pintura ou paisagem que ressaltam a cultura de um povo carismático e hospitaleiro.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

Uma ótima idéia. No momento que estamos vivendo hoje, não somente aqui, mas em todo o mundo, mensagens como estas e outras várias, tocam o coração não só dos que lutam por essa causa, mas fazendo também com que mais e mais pessoas se unam para contribuir e encorajá-la.

4 – Acreditas que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Sim, toda manifestação cultural, artística, trabalhista, etc... Parte de algum ideal específico, assim como a arte circense tem um ideal de transmitir alegria ao povo, ela pode também ser direcionada ou efetuada com algum propósito especial. Contribuindo, e estimulando a conscientização das pessoas a fazerem o melhor pela sua cidade.

Observações

Entrevistado (a) G -21 anos, aluno (a).

IX – Entrevista:

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

Me fez perceber que quando alguns turistas falam sobre Pelotas, lembram-se da Trupe do Tholl, como se lembram dos nossos prédios históricos e também porque a trupe nasceu aqui e sempre faz algo para ajudar o próximo.

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que, entraste para a Trupe? Explica.

Sim, por que eu comecei a dar mais valor para as coisas que pertence a Pelotas, sabemos que o nosso Rio Grande do Sul é a terra dos gaúchos, mas como a trupe; as artes circenses por nossa cidade sabem que destacou mais ao nosso pequeno pedaço de terra e que grande Pelotas no nosso coração.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

Eu penso que a competição corre entre indivíduos da mesma espécie e também de indivíduos de espécies diferentes e se cada um respeitasse o seu espaço, não haveria tanto desmatamento, animais em extinções e animais em cativeiros.

4 – Acreditas que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Sim, porque as coisas são vistas até melhor. Antes num circo era visto aqueles pobres animais sendo judiados e muito sendo mantidos em cativeiros, mas como nasceu às artes circenses melhorou, para nos e para a natureza e para os animais que daí é bem mais valorizado.

Observações:

Entrevistado (a) H - 16 anos.

X – Entrevista:

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

Pelotas sempre foi marcada por sua capacidade de grandes manifestações culturais, o Tholl representa no momento, com grande força uma dessas manifestações.

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que, entrasses para a Trupe? Explica.

Sim, pois me mostrou que a cidade tinha mais cultura.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

O atual momento de descuido a preservação de nosso planeta, pela mão do homem, nos faz pensar, qual será o futuro que aguarda as próximas gerações, e o Kaiumá chama atenção para este grave problema.

4 – Acreditas que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Toda e qualquer atividade que chama a atenção do homem para que tenha mais cuidado com o local em que vive seu habitat, é muito importante para sua conscientização.

Observações:

Entrevistado (a) I – 16 anos.

XI – Entrevista:

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

O Tholl é emoção, alegria, o riso, choro e magia, enfim, tudo de bom. E isso, é muito importante para Pelotas para que percebamos que com isso em cada lugar que se apresenta levamos o nome da cidade e Pelotas passa a ficar conhecida.

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que, entraste para a Trupe? Explica.

Sim, mudou porque hoje Pelotas é bem conhecida em todo Brasil não só pela Fenadoce e sim pelo Tholl.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

Que com esse espetáculo podemos passar para as pessoas esperança e consciência ecológica.

4 – Acreditas que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Sim, a arte circense é uma das ferramentas pedagógicas alternativas, utilizada no trabalho com crianças e jovens em situação de exclusão e risco social e pessoal. Ela é encarada por muitos educadores e pesquisadores como uma arte com potencial capaz de possibilitar a modificação da realidade, transformação e o conhecimento pessoal, além de possibilitar a ver uma nova forma de ver o mundo e de estar nele, gerando, um outro, olhar de sociedade.

Observações:

Entrevistado (a) J - 19 anos, espetáculo Tholl.

XII – Entrevista:

1 – Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

Me fez perceber que Pelotas é capaz de produzir um grande empreendimento cultural e artístico de grande sucesso nacional, apesar de ser uma pequena cidade o Tholl proporciona muita alegria e emoção às pessoas.

2 - Tua percepção da cidade mudou depois que, entraste para a Trupe? Explica.

Sim, me fez perceber que Pelotas tem grande capacidade de produzir algo de sucesso no Brasil inteiro.

3 – Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

O mundo está vivendo um momento de caos na ecologia, e a cada instante que passa, percebemos o quanto é importante levar até as pessoas mensagens do quanto é necessário cuidar da nossa natureza.

4 – Acredita que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Sim, principalmente o Tholl que tem o dom de mexer com a emoção das pessoas.

Observações:

Entrevistado (a) K - 14 anos, espetáculo Tholl.

XIII – Entrevista:

1. Como o Tholl te faz perceber Pelotas?

Faz-me, perceber a potência cultural que pode ser consolidada através da valorização da arte pela sociedade pelotense. O que acontece, muitas vezes, é a necessidade dos artistas buscarem reconhecimento primeiro fora de Pelotas, para então serem prestigiados pela cidade. Pelotas precisa de estímulo (social, cultural, político), para continuar seu desenvolvimento.

2. Tua percepção da cidade mudou depois que, entraste para trupe? Explica.

Acredito que sim, pois me fez perceber que existe possibilidade sim, de viver com arte e pela arte, aqui em Pelotas, me permitiu também viajar por outros lugares que valorizam nossa cidade, muitas vezes, até mais que os próprios pelotenses.

3. Kaiumá vem com uma mensagem ecológica, o que pensas sobre isso?

Kaiumá tem um grande desafio; diferentemente dos outros espetáculos do grupo, de alertar a população para o cuidado com a natureza, conscientizar aqueles indiferentes às questões ambientais e principalmente transferir a magia e a energia que os artistas assim como a natureza pode nos oferecer. Trabalhar para a preservação do meio ambiente não

deve ser somente uma questão política, diante de um público sedento por informações, o palco também é lugar de conscientização.

4. Acredita que a arte circense pode servir de ferramenta para suscitar um cuidado maior com a cidade?

Com certeza, pois a arte circense (além do palco) também contribui com as questões sociais, como as aulas que são ministradas às crianças e dessa maneira elas recebem uma forma de pensar a respeito da arte, das pessoas, da sociedade, o grupo, assim como uma escola contribui, para a formação, de futuros cidadãos ativos. Além disso, com a valorização da arte, o cuidado com os espaços culturais aumentou o que trás benefícios à Pelotas.

Observação:

Entrevistado (a) L - 19 anos, espetáculo Exotique.

ANEXO n° 4
RECORTES DE JORNAIS, XEROX DE REVISTAS E OUTROS...